

# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Ano 4 – Nº13 – Dezembro 2012



4! ANOS

# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 4 – Nº13 – Dezembro 2012

ISSN: 2238-930X



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)



[www.facebook.com/revistaBlecaute](http://www.facebook.com/revistaBlecaute)



[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)



[@revistablecaute](https://twitter.com/revistablecaute)

Copyright © 2012, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: uma revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: Requiém, 2012

Petrus Vinícius

Técnica: Escultura papel machê

Dimensões: 31cm (altura), x 20 cm (largura) x 15 cm (profundidade)

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com / @jan\_macedo

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com / @j\_matias

Flaw Mendes (Editor Visual)

flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 4, n. 13

(Dezembro de 2012) – Campina Grande, 2012.

p.: 70, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,  
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –  
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

- 05| **Editorial**
- 06| **Conto:** Na Ponta dos Dedos, Por Gerusa Leal (PE)
- 09| **Poemas:** Ciclo, Sonra, Ventania..., Fabrício Brandão (BA)
- 13| **O santo Ofício:** Da leitura, Por Franklin Jorge (RN)
- 16| **Poemas:** Medo, tesão..., Por Amousse Mucavele (MOZ)
- 22| **Conto:** O retrato Póstumo de Oscar Wilde, Por Giovani Iemini (DF)
- 24| **Resenha:** A tese na literatura, Por Henry Alfred Bugalho (ESP/PR)
- 27| **Poemas:** Melopeia, Pós, Manaíra..., Linaldo Guedes (PB)
- 31| **Tiradas do Baú:** O consumo, Por Raoni Xavier (PB)
- 32| **O Acrópado:** 1 minuto na missa, Por Valdênio Freitas (PB)
- 33| **Conto:** Et Mazzaropi - Uma história real de abdução, Por Marcelo Mirisola (SP)
- 39| **Poemas:** ochiadodouniverso..., De Viviane Santana (ALE/SP)
- 42| **Estante:** HOUELLEBECQ, Michel. O Mapa e o Território. Rio de Janeiro: Record, 2012. Por Bruno Ribeiro (ARG/MG)
- 44| NURIT BENSUSAN (org). Os banheiros que vivi... Ou não. Brasília: Esquina da Palavra Editora, 2007, por Thuca Kércia (PB)
- 45| **Conto:** Quinto andar, Por Carlos Azevedo (pseudônimo: Almeida José) (MG)
- 47| **Poemas:** Memento mori - II, III..., De Marcella Andresa Becker (RS)
- 54| **Poesia Imaginada:** O Eldorado, Por Flaw Mendes (PB)  
(texto: Valdívica Costa) (PB)
- 56| **Resenha:** O Jeito de Ilustrar a História de Lília Momplé em “Ninguém Matou Suhura”, Por Eduardo Quive (MOZ)
- 63| **Conto:** Monotemático, Letícia Palmeira (PB/RJ)
- 65| **Poemas:** Natureza Morta, Noturna, Bendita Leitura..., de Francisco Rollim (PB)
- 69| **Artista da Capa:** Requiem, de Petrus Vinícius (PB)



## | Editorial

NESTE MÊS DE NOVEMBRO A REVISTA BLECALITE FEZ QUATRO ANOS DE HISTÓRIA

JUSTAMENTE NO DIA DE FINADOS, 2 DE NOVEMBRO

NÃO É À TOÁ QUE HOVE AQUELES "BLACKOUTS" LOUCOS NO NORDESTE QUASE NA MESMA ÉPOCA

PUTZ, SERÁ QUE ISSO TEVE A VER COM AQUELA HISTÓRIA DE FIM DO MUNDO?

O MUNDO ACABOU?  
O MUNDO ACABOOOU!!!  
AHHH MEU DEUS... E AGORA?

É POR ISSO QUE ESTAMOS TODOS AQUI... NESSA CAIXA???

POIS É IRMÃO DAS ALMAS... ESTAMOS TODOS NA MESMA CAIXA!

JUSTO ESTE MÊS QUE A REVISTA BLECALITE TRAZ GERUSA LEAL COM UM CONTO...

E AINDA TEM VÁRIOS OUTROS CONTOS DE GIOVANI IEMINI, MARCELO MIRISOLA, CARLOS AZEVEDO E LETÍCIA PALMEIRA

E OS POEMAS DESTA EDIÇÃO...  
FABRÍCIO BRANDÃO, AMOUSSE MUCAVELE,  
LINALDO GUEDES, VIVIANE SANTANA,  
MARCELI ANDRESA BECKER E FRANCISCO ROLLIM

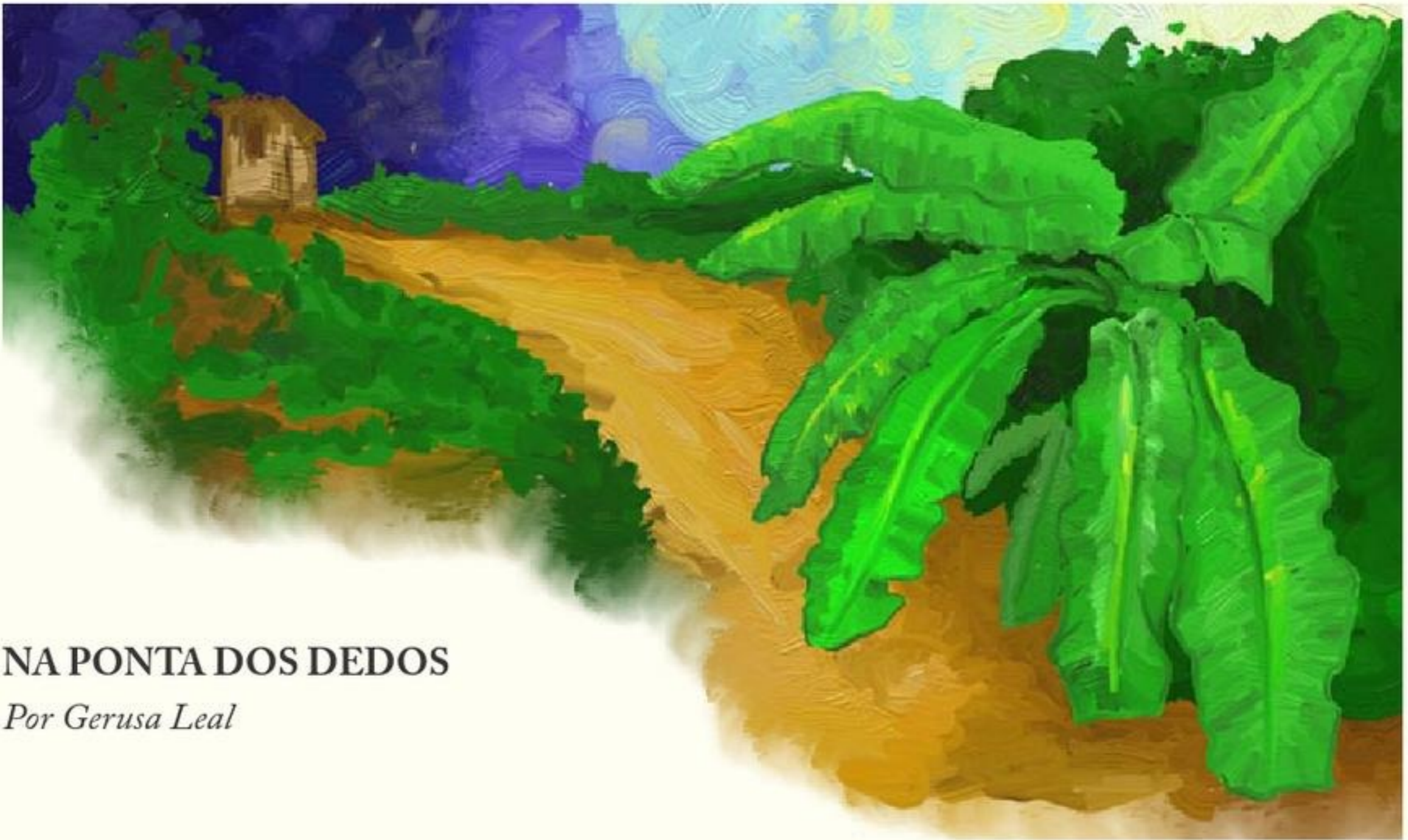
TEMOS AINDA RESENHAS DE HENRY ALFRED BUGALHO E EDUARDO QUIVE

ALÉM DAS COLINAS DO FRANKLIN JORGE, RAONI XAVIER, VALDÊNIO FREITAS E FLAW MENDES COM TEXTO DE VALDIVIA COSTA

AS DICAS DE LEITURA FICARAM POR CONTA DE BRUNO RIBEIRO E THUCA KÉRCIA

JÁ O ARTISTA DA CAPA, TAMBÉM RESPONSÁVEL POR NÓS, IRMÃOS DA CAIXA DAS ALMAS, É O PETRUS VINICIUS

SE VOCÊ ESTÁ LENDO ISSO É PORQUE SOBREVIVEU AO FIM DO MUNDO!  
PARABÉNS! BOA LEITURA!



## NA PONTA DOS DEDOS

*Por Gerusa Leal*

Cabeça erguida, nariz empinado, não tem satisfações a dar aos cachaceiros no bar da esquina. Nem às vizinhas espiando pelas brechas das janelas que escuta fechar quando deseja boa noite dizendo-lhes o nome.

Atravessou o pontilhão sobre o riacho quase seco que corta a mata rala por trás do barraco. De taipa, dois aposentos; parecia que desabava se batessem a porta com mais força. Escuro. Levantou o capacho, a chave estava lá. Entrou tateando as paredes. Achou o candeeiro, ainda um pouco de querosene; o fósforo no lugar de sempre.

Precisava de um banho. O banheiro, nos fundos do barraco, um cubículo improvisado com tábuas catadas em restos de construção. O chuveiro, um latão de tinta que encheu com água tirada do poço com o balde. Puxando um barbante, virava despejando em outra lata cheia de furos no fundo abertos com prego e martelo, improviso do irmão enquanto ainda morava lá. Sentiu a água fria escorrendo sobre as roupas suadas e fedidas como se fosse um bálsamo. Foi tirando peça por peça com a ponta dos dedos. Pegou o pedaço de sabão amarelo numa das brechas das tábuas, esfregou, agachou-se, enxaguou na água da bacia. Torceu, pendurou tudo na corda.

A noite era de lua. O barraco era o último da rua antes do rio, ficava isolado por um terreno baldio cheio de bananeiras. Os galhos secos dos arbustos perto do riacho não se moviam, a estiagem deixava o tempo abafado.

Puxou o barbante deixando a água escorrer sobre o corpo nu. Esfregava com força até a pele arder. Voltou para dentro do barraco se enxugando com a toalha. Largou o corpo no cobertor puído sobre o sofá de onde pulava uma mola. O silêncio só não era maior porque depois que se aquietara o grilo voltou a cantar.

Quando partiu, não pensou que um dia voltasse. Muito menos assim. Nem que sentisse falta do que deixou para trás.

Estremeceu lembrando o suíço que lhe confiscou o passaporte e deixou trancada junto com as outras, quase sem comida. Ele sorria enquanto lhe sussurrava ao ouvido sei que gosta disso mas precisa aprender a fazer bem feito eu estou aqui para ensinar.

A proposta de trabalho era irrecusável. Arabela teria por volta de quinze, dezesseis anos, se tanto. O registro de nascimento dizia que eram dezoito. Ia acontecer no exterior, ser dançarina, quem sabe com um pouco de sorte até modelo. Desde criança treinava caras e bocas na frente do espelho manchado e opaco na porta do guarda-roupa da mãe. Que havia falecido enquanto ela estava fora. Tinha dado a maior força para que aceitasse. Afinal que futuro ela ia ter ali, naquele fim de mundo, no meio de ignorantes que não percebiam o talento da moça. Por despeito ou cobiça a comiam com os olhos.

Foi a amiga que a indicou. Não comentou detalhes. Pediu uma foto, que seguiu pelo correio. O suíço chegou no carrão, quando estacionou na porta o lugar inteiro já sabia, o motorista tinha parado para perguntar onde ela morava. Cercou-a de promessas, e ela foi.

Era obrigada a prestar serviços por dezesseis a dezoito horas por dia. Acabou, como as outras, nas drogas.

De repente uma paz, um alívio ali sozinha. Um instante de culpa por não estar sentindo a falta da mãe.

Entrou no quarto, abriu a porta do guarda-roupa presa apenas por uma dobradiça, apurrou e se olhou no espelho. Bonita.

Não, ela tinha entendido mal, não era bem isso, se estava ali era porque imaginava que Arabela tivesse muita experiência e que poderia lhe ensinar a fazer coisas que tirassem o marido do caso que estava tendo com uma colega do escritório, mas havia pensado só numa conversa.

E o outro que depois de fazer de tudo com ela veio contar que acabou o noivado de seis meses porque a noiva tinha pedido para que ele a chamasse de putinha, lhe desse uns tapas, pegasse forte, crente que ele ia se amarrar. Mas ele ficou chocado com a iniciativa e gritou que não admitia que a mãe dos filhos dele parecesse uma puta. Cafajestes.

Uma puta. Respirou fundo, cansada. Queria ser prostituta. Puta, não. Esse não é um desejo que se admita nem para si mesma, mas já não tinha porque esconder dela própria. Queria ser prostituta. Livre. Ser dançarina, modelo. Ganhar o próprio sustento e não precisar vender o corpo feito as putas. Só queria se entregar sem regras, sem condições, simplesmente se oferecer.

Acariciou os seios, deslizou as mãos sobre o ventre, alisou as coxas. Passou a ponta dos dedos de leve sobre os pelos entre as pernas.

Só queria ser dona do próprio nariz. Que vantagem havia em ser prostituta se para isso

acabava virando escrava? Puta.

No início não havia maldade, só prazer. Do olhar, do sorriso, do toque. A mãe era quem a despertava para a malícia, quando lhe mandava para dentro de casa se jogava bola de gude agachada com mais três ou quatro meninos, quando lhe dizia para sentar direito, puxar a saia, não sorrir tanto.

Também não era bem assim essa história de que puta não goza. Ela às vezes gozava, às vezes não. Mas o grande prazer era o de não ser mulher de um homem só.

E eles queriam que ela falasse disso quando a interrogaram depois que a polícia desmantelou o cativoiro. Eles jamais entenderiam.

Vestiu a calcinha e a camiseta. Estava com fome. Achou uma bermuda, calçou a sandália e retornou ao centro. No bar, pediu um café com leite, pão com manteiga. O cara na última mesa levantou e se aproximou do balcão. Ela sorriu. Subiram para um dos cômodos.

Quando desceu, pediu uma cachaça. Bebeu de uma vez, sem olhar ao redor retomou o caminho de casa.

Àquela hora as ruas estavam vazias. Aprumava o corpo. Mantinha a pose.

Às vezes acordava sem saber onde estava. Adormecia e as imagens se misturavam ela dançando no palco desfilando na daspu jogando bola de gude o sorriso cínico do suíço o prazer a dor os homens se sucedendo na cama a mãe morta o delegado o banho no quintal o cheiro na ponta dos dedos o cara no bar a caminhada solitária pelas ruas desertas aquilo não era hora de moça direita andar fora de casa.

---

**GERUSA LEAL** (PERNAMBUCO) – Escritora. Frequentadora das oficinas de criação literária do escritor Raimundo Carrero, é colaboradora da revista eletrônica *Histórias Possíveis* e, eventualmente, dos sites *Interpoética*, *Diversos Afins* e *Escritoras Suicidas*. É autora de poemas e contos, alguns premiados, publicados em coletâneas e antologias diversas. Em 2006 foi vencedora do Prêmio Edmir Domingues de Poesia da Academia Pernambucana de Letras, com o livro *Versilêncios*.



*DE FABRÍCIO BRANDÃO*

**CICLO**

duas gotas bastam  
para que tudo se dissolva  
e em restos  
petrifique as marcas gastas

dessa tua passagem  
por aqui colhi certos frutos  
ignotas contas  
de cerzir o míope bordado

eu que sempre quis estar no mundo  
hoje bebo do estranhamento  
antigo costume de repetir

## SONORA

Para Ildásio Tavares

Existem canções  
A vida nunca mais acabará depois delas  
Como num sopro as lembranças  
Giram no apertado do vazio

Redime, escutar murmúrios  
Esquecidos em meros artifícios

Viver em constante dúvida  
Sem enfraquecer  
Nem levar o acaso a sério

Quando a porta fechar  
Que o canto fique impresso

## VENTANIA

Erguer poeiras com os olhos  
e depois acontecer na manhã do dia

Uma tez curtida em brasa  
Agora é o idioma do tempo,  
Companheiro ativo dos sopros

Nunca precisei de velas acesas  
Para orientar o que sei de cor

A luz ainda balança as horas  
Desse dia que nunca se despede  
E eu, pequenino,  
Danço em torno do vento

## NUM CANTO DA TARDE

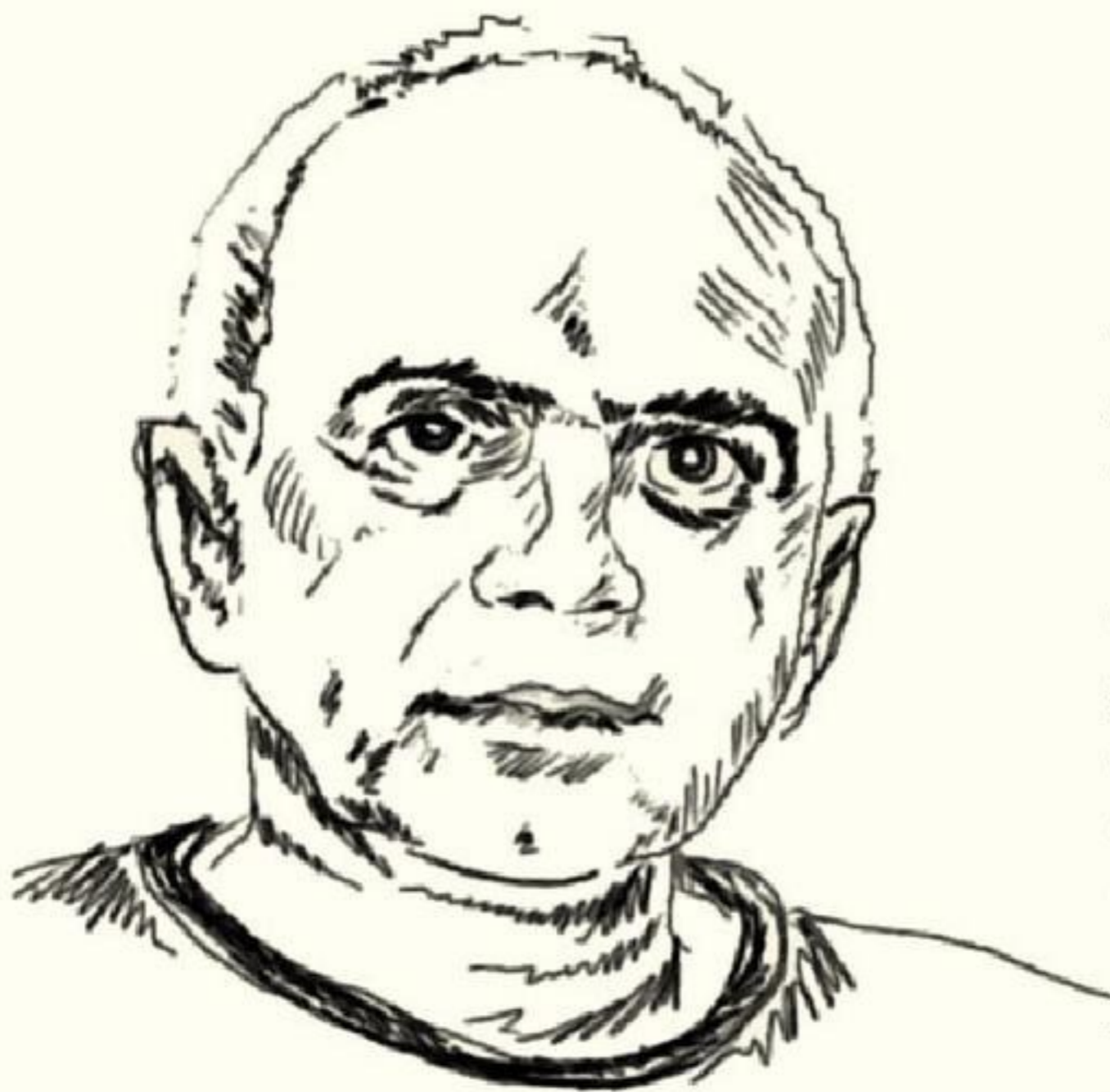
Esgotar a pilha de canções do poetinha,  
Enquanto se espera alguém chegar.  
Entre versos e planos,  
É bom ter a cabeça apoiada no inverso da cama.  
Os xamãs que percorrem o quarto  
Incensam preces disfarçadas em poemas de amor.  
A gente que anda por aqui agora  
Faz companhia aos círculos de fogo acesos no chão da mente.  
Ainda uma cidade de bons tons atravessando janelas.  
Há cor no cheiro daquele que fica.

---

**FABRÍCIO BRANDÃO** (BAHIA) – Poeta e Editor. Graduou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Além de trabalhos ligados à publicidade, também desempenhou atividades relacionadas a cinema. É um dos editores da Revista Eletrônica Cultural Diversos Afins: [www.diversosafins.com.br](http://www.diversosafins.com.br). Alguns de seus poemas fazem parte da coletânea Diálogos – Panorama da Nova Poesia Grapiúna (Via Litterarum/Editus – Ilhéus/Itabuna - 2010), já em sua segunda edição.

## DA LEITURA

Por Franklin Jorge



É sabido que a leitura pressupõe, mais que um esforço, uma colaboração. Borges tratou o tema em um texto clássico, “Pierre Menard, Autor do Quixote” (in “Ficções”, 1944). Mestre do paradoxo e do ilusionismo que faz a magia da literatura, a personagem do seu conto – tornado clássico porque relido -- “escreve” obsessivamente o “Quixote”.

O argumento é simples. Clérigo ambicioso, Menard deseja ser mais do que um mero autor de livros. Ele é autor

de uma obra “visível” e facilmente enumerável, porém a sua grande obra que o consagra é a “subterrânea”, a interminavelmente heróica, a obra ímpar e multifacetada que o identifica, de maneira total e apaixonada, com um autor em especial.

Sua admirável ambição seria produzir páginas que coincidissem – palavra por palavra, linha por linha – com as de Miguel de Cervantes. Ser, de alguma maneira, Cervantes e chegar ao “Quixote”, lhe parecia menos árduo e menos interessante que seguir sendo Pierre Menard e chegar ao “Quixote” através das experiências de Pierre Menard.

Borges adverte-nos que a literatura não é exaurível pela suficiente e simples razão de que um livro só não o é. O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, porém o segundo é quase infinitamente mais ambíguo, como o queria Baudelaire, que viu na ambigüidade uma riqueza e preconizou, como um profeta da literatura, que toda obra de arte há de ter uma lacuna para o deleite daquele que a desfruta.

Assim, mediante uma técnica nova, Menard enriquece a arte imóvel e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. É axioma borgeano que uma literatura difere de outra ulterior ou anterior, menos pelo texto que pela maneira de ser lida. Um livro é um diálogo; e, sem dúvida, uma forma de relação. O postulado borgeano é simples – o ato de ler transforma o texto individual de um autor em obras de todos.

Em uma suposta correspondência entre Borges e Menard, este afirma que pensar, analisar, e inventar não são atos anômalos, mas a normal respiração da inteligência. Embora cético e talvez agnóstico, Borges acredita na idéia de que todo homem deve ser capaz de todas as idéias

e que no futuro o será.

Essa diversidade só é possível através da colaboração do leitor que dialoga com o texto. Assim, o “Quixote” de Menard assimila e incorpora o de Cervantes, fá-lo substancialmente mais rico, pois se amplia com as experiências de Pierre Menard.

Emil Rodríguez Monegal enfatiza que nenhum texto de Borges pode ser lido literalmente. Ora, se o leitor é capaz de ler por baixo do texto, no intertexto das alusões filosóficas, outra perspectiva se abre.

Disse Montaigne que a leitura serve principalmente de pretexto a meditações; é um exercício espiritual que faz trabalhar o julgamento, não a memória. Através da leitura, a literatura se torna coletiva e, ao mesmo tempo, anônima. O “Quixote” de Cervantes é o de Menard, que o lê e assimila. Assim, segundo o paradoxo borgiano, todos os homens que repetem uma linha de Shakespeare são Shakespeare.

Há tantas maneiras diferentes de ler como há abismos na leitura. Flaubert pondera que a biblioteca de um escritor não deveria conter mais do que cinco ou seis livros, fontes, no entanto, que é preciso reler todos os dias. Quanto aos outros, graceja, é bom conhecer – e só.

Porém, como a leitura exige espírito! Flaubert recomenda a leitura como um processo terapêutico digno de atenção. Escrevendo a Mlle. Leroyer de Chantepie, em 1857, aconselha-a: “Procure não viver só em você. Faça grandes leituras. Consagre-se a um trabalho regular e fatigante” (grifos nossos). “A vida – prossegue – é tão horrorosa que o único jeito de suportá-la é evitá-la. Enquanto trabalha não se pensa no indivíduo miserável que somos”...

Como alguém que sofreu na própria pele os pavores da literatura (carta a Caroline, sua sobrinha, em 10 de agosto de 1876), Flaubert tem, como escritor que escreve em plena consciência, um objetivo secreto. Aturdir de tal forma o leitor para que ele acabe ficando louco...

Borges vê a leitura como um processo posterior ao ato de escrever; e considera a leitura uma atividade mais resignada, mais civil, mais intelectual. Porém, adverte-nos, os bons leitores são cisnes ainda mais negros e singulares do que os bons autores. A obra literária seria, para o autor de “Ficções”, não só produto do autor como do leitor. A leitura na qual não predomina o prazer é inútil. Por isso, Borges dizia aos seus alunos, “quando um livro não lhes interessar, deixem-no”.

Ler e escrever são formas acessíveis de felicidade, assegura-nos o texto borgiano. É espírito também. Nele, a emoção é necessária porque não se pode viver sem ela. Sem leitura não se pode criar e sem emoção, tampouco.

Assim, Dante -- que escreve o poema -- é um dos personagens da “Comédia”, um livro que pode ser lido, segundo Borges, de duas diferentes maneiras, uma das quais literal e a outra alegórica.

Em depoimento sobre Leopoldo Lugones, Borges observou que para ele a leitura de um livro não era menos memorável que uma paisagem ou o amor de uma mulher, algo assim como

o foi para Alonso Quijano – um homem modificado pela biblioteca – já que Alonso Quijano toma a decisão de ser D. Quixote depois de ler os diversos livros de cavalaria.

Dizer que ler ajuda a pensar é um truísmo, porém ainda são poucos os leitores capazes de forjar uma opinião isenta, própria e original; ou, em outras palavras, de julgar unicamente de acordo com as provas de que dispõe.

Georges Simenon observa em entrevista a “Paris Review” que os leitores atuais desejam livros mais complexos; livros que tentam penetrar em todos os recantos da natureza humana; porém, ao dizê-lo, creio que se equivocava, pois nunca se leu tanto e tão mal como atualmente. O que se lê [...] Banalidades. Banalidades pasteurizadas, fabricadas em série pela indústria cultural. Em “Adriano Sétimo”, Frederico Baron Corvo condena os intentos de uniformização como crimes antinaturais; um insulto à divina inteligência que distingue as criaturas. Declararia ainda, nessa obra premonitória, que os servos de Deus deviam ser reconhecidos por sua amplitude de idéias, sua generosidade e firmeza da vontade.

Simone de Beauvoir admite que as leituras formaram-na mais que os professores. Com nove anos ela leu “Mulherzinhas” e identificou-se apaixonadamente com Joe, uma das heroínas do romance de Mary Ascott. Joe escrevia. Simone, empolgada com a sua heroína, começou a escrever...

Sartre, por sua vez, confessa que descobria mais realidade nas palavras do que nas coisas. E, numa confirmação do seu pensamento, escreveu “As Palavras”, para esclarecer que foi nos livros que encontrou o universo e confundiu a desordem das suas experiências livrescas com o curso imprevisível dos acontecimentos.

*\*Palestra na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 10 de abril de 2002, no encerramento de semestre de Literatura Portuguesa I e II.*

*DE AMOSSE MUCAVELE*

**MEDO**

Ao Ademir Assunção

(alavanco a minha memória na hóstia do tempo, e atiro os átomos do meu apetite para silenciar a atmosfera da minha insegurança, percorro vezes sem conta no íntimo das estradas que não dormem na cegueira desta cidade nua de árvores e pedras. enxergo o meu projecto adulterado pela febre da lua cheia de insónia.



## TESÃO

Á Suraya Tamele

Faço de mim um depósito de orgasmos sem idades, uma cidade que se ergue no átrio do tempo, traço na parede de um sentimento por uma mulher. Uma linha horizontal que se alonga até ao rio do meu prazer. Encontro nos afluentes do poço que cresce em posição vertical, o túnel para a minha bem adocicada ejaculação.

## ENERGIA SOLAR

As lâmpadas eoliográficas acendem o medo do sol no chão torto pelo sopro das ventoinhas voadoras. (isso) enquanto ardem as montanhas pela força do curto circuito da energia das nuvens, que por infindáveis vezes tentam sem sucesso parar o revólver do vento. A (o) pá continua a atar circunferências do ar na geografia do espaço desértico, onde a radiação solar semeia-se em épocas de seca, cujo o regime predominante é o da rotação das culturas, guarda-se em ruínas da gramática existencialista das palavras como: congelador, televisão, gerador, colhe-se no vociferar agudo da noite, e. Nós com a caneta olhamos o distante florescer do fogo da pedra que cintila nas ondulações do oásis, e. Aqui não há espaço vazio para frotas de água turva.

## NEW YORK

Ao Richard Bona

Há cidades onde as noites roubam os barcos pendurados nas árvores dos turistas.

## ATRAVESSAR O SILÊNCIO

Ao Cláudio Daniel

A memória é um inferno provisório onde os nossos dias visitam constantemente . na penumbra de um mar de esquecimento ladeado de flores que brilham ao som do silêncio. E ao entardecer. A neve embarca no murmúrio da água que bate nas pálpebras das pedras na solene viagem do nada. E para além do sal derramado nas margens, não via-se mais nada, pois o cinzento abocanhou a melancolia do céu que outrora fora azul. E difícil é, descortinar este lado invisível da distância que nos assiste. A ilha que nos espera é feita de papel que baloiça livremente nos olhos do mar. Mil e uma visões espalhadas no útero do passado, uma música embalada de presentes toca incansavelmente na febre do navio - onde é minha casa? E no colo do futuro procuraremos acender as nossas identidades com o anzol que perdeu-se nas ondas da tempestade.

## CABO VERDE

Ao Corsino Fortes

Uma PRAIA estende-se nos ramos de uma seringa que ondula nas veias encharcadas de mel, sob a alçada de um corpo derretendo-se na ressaca de um vulcão. O mar corre as pressas em rebuliço levando consigo na bagagem as cinzas do FOGO arrancado dos edifícios do ar que pé(lo) lago proporciona-nos uma BOAVISTA. de um jardim que não é jardim, que das pedras planta montanhas como uma tília diante de um paraíso de rosas.

E quando a lâmina entra em cena, a montanha recorta-se em graus de Ilhas. E a mesma lâmina quando conquista o espaço do mar, é fenomenal o quão as gaivotas com as suas asas de Vénus. Sobrevoam extraordinariamente a paisagem totalmente coberta de nuvens de SAL. E triste é a BRAVA primavera do desassossego que assola e corta o Arquipélago em pedaços de terra que trazem notícias do mar.

---

**AMOSSE MUCAVELE (MOÇAMBIQUE)** – Escritor. Membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa, no qual coordena a equipe editorial da Revista Literatas-Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona. É colaborador do Pavilhão Literário singrando horizontes, Academia de Letras de Paraná, Jornal Coruja, Revista Eisfluencias e outras. Organizou a antologia da nova poesia moçambicana para a Revista Zunai.



## O RETRATO PÓSTUMO DE OSCAR WILDE

*Por Giovani Iemini*

Ao verme que roeu as frias carnes do meu cadáver, agradeço sua fome e presteza no cumprimento do serviço, e ao autor brasileiro de Brás Cubas, minhas congratulações, seguida pela mais pura inveja por uma idéia tão original: a de memórias póstumas. Quisera eu conhecer este recurso no tempo devido, talvez meus restos mortais ainda estivessem intocados, ou melhor, roídos, mas em seu lugar de origem no cemitério de Bagneux, em que fui enterrado, pois sempre odiei Père Lachaise, onde me construíram uma tumba a pedido do desprezível cristão Robert Ross.

Ross ainda pediu que meu jazigo possuísse um pequeno compartimento para seus próprios restos. Um disparate! Não bastou me enfiar sua Santa Igreja Católica Romana goela abaixo em meu leito de morte, ainda permanece ao meu lado após o falecimento para me fiscalizar e chatear com seus conceitos antiquados. Ainda bem que nunca foi capaz de juntar duas linhas que prestassem num texto, assim não tornou-se um defunto-autor, parece que tal dádiva só é concedida a poucos.

Minha vida não foi convencional. Descobri no dandismo uma nova percepção da realidade, tendo o belo como antídoto das mazelas da sociedade industrial. Tornei-me minha própria criatura, um dândi, com atitudes doidivas e mundanas, claramente dedicado ao amor que não ousa dizer o nome, pois a Inglaterra industrial ainda mantinha os conceitos pós-vitorianos do século anterior. Eu jamais teria alcançado tanto sucesso na dramaturgia se minha condição homossexual fosse pública. Até tive casamento com filhos para disfarçar minha verdadeira paixão.

Por conta dessas extravagâncias, fui julgado e condenado por cometer atos imorais com diversos rapazes, ou o que isso pudesse significar, já que foi apenas um moço o pivô da farsa jurídica, um juvenzinho afeminado que pouco me interessou, porém era nobre e o pai marquês quis minha cabeça por confundir a do rapaz. Nada mais hipócrita, em se tratando de um país monárquico, protestante e colonizador, porém os valores sociais nunca estiveram ligados a qualquer espécie de moral, mas sim à ética do dinheiro.

Quando me exilei em Paris, após o cárcere, e escrevi sob o pseudônimo de Sebastian Melmoth, meus textos não surtiram a mesma adoração, talvez pela falta do glamour do dandismo ou pela perda de apoio dos editores e dramaturgos, mas acredito que o próprio Bosie, o jovenzinho afeminado, agora empossado como Lord Alfred Douglas, foi quem dinamitou qualquer possibilidade de meu retorno ao sucesso. Ele não queria voltar a ser vinculado à minha figura excêntrica.

Adoeci. Meningite e sífilis. Os médicos disseram que o álcool agravava a situação, mas, oras, quem acredita em médicos? Eles são como urubus sobre carniça, na esperança de receber os últimos trocados do moribundo. Aliás, parecem os cristãos, que sempre me criticaram contudo ainda assim querem me ver no céu. Foi por isso que Ross surgiu para mim ao fim da vida, queria me alistar ao exército divino. Certamente ele ganharia muitos pontos por minha conversão, além de eternamente prostrar-se ao meu lado em Père Lachaise, o cemitério dos pedantes burgueses e dos irritantes novos ricos.

Em meu leito de morte, cercado por médicos e padres, o desprezível Robert fez sua jogada magistral. Perguntou-me se eu me arrependia dos pecados. Quis responder que só daqueles que não cometi, porém estava fraco demais para gracinhas, até mesmo para debater o sentido do pecado para um ateu como eu. Como permaneci em silêncio, disse Robert que eu consentia. Depois perguntou se eu aceitava a Igreja Católica no meu coração. Continuei mudo, na verdade eu estava incrédulo com tanta baboseira. Robert cochichou ao meu ouvido que, se eu aceitasse a Igreja, poderia beber o vinho de missa que o padre levava para minha extrema unção. É claro que assenti, havia dias que não conseguia beber nada, além da doença eu também sofria de desprovimento de verbas.

Fui consagrado, ungido ou qualquer outro dogma cristão que não me vale nada. Só me importava molhar a garganta com o vinho, eu sentia que não me sobraria mais muito tempo. Infelizmente descobri que a graduação alcoólica era quase nula, os goles não me relaxariam para encarar a indesejável. Resolvi fazer como piada final dessa ilógica existência um comentário sobre minha devoção religiosa. Pedi para comer uma hóstia como tira-gosto do vinho, que reclamei era para mulheres ou homens de saias, até homossexuais gostavam de uma bebida mais forte. O desprezível Robert negou meu pedido e, pior, ainda falou que não pude comungar antes de morrer porque estava muito fraco. Balela. O que eu queria mesmo era saber se a Eucaristia provocaria alguma reação física, como uma droga, para que o tal verme que me roeu ao menos curtisse comigo a última viagem.

## A TESE NA LITERATURA

*Por Henry Alfred Bugalho*

Todo texto defende uma tese. Quando afirmamos isto, não nos referimos apenas a textos acadêmicos, ou teóricos, mas a todo e qualquer texto, incluindo o texto literário.

Antes de tudo, devemos explicar o que se entende por “tese”. Thesis é uma palavra grega derivada do verbo tithemi, cujo sentido nada mais é do que “colocar em algum lugar, apresentar algo”. Este é praticamente o mesmo sentido da palavra latina propositio, ou proposição, em português.

A tese, ou a proposição, é aquilo posto diante dos olhos do leitor, aquilo que o autor deseja apresentar.

Numa carta de amor entre namorados, a tese é provar os sentimentos amorosos dum para o outro; num texto teórico universitário, a tese é a demonstração e comprovação duma hipótese; em qualquer texto, existe uma tese, uma idéia a ser defendida, mesmo que ela esteja diluída e pareça ser inexistente.

Na Literatura, a tese costuma transparecer de duas maneiras mais comuns: explicitamente, quando a proposta do texto é convencer o leitor a aceitar a tese, ou implicitamente, quando o texto estimula o leitor a concluir, por si só, qual é a tese.

### A Literatura Panfletária

A narrativa literária que defende explicitamente uma tese e que utiliza todos os recursos necessários para persuadir o leitor de sua veracidade é conhecida por “panfletária”.

A literatura panfletária não possui orientação política específica, pode tanto defender ideais esquerdistas quanto de direita, pode ser tão reacionária quanto revolucionária, tão anárquica quanto conservadora.

O “panfleto” não diz respeito às idéias que estão presentes numa obra literária, mas ao modo como elas são apresentadas. O texto panfletário não esconde a que veio, não mascara seus objetivos.

A Literatura panfletária atrai os correligionários da tese defendida, ao mesmo tempo em que repele quem a ela se opõem. Não aceita meio termo.

Um exemplo é “O Último Dia dum Condenado à Morte” de Victor Hugo. Nesta obra, acompanhamos um prisioneiro pouco antes de sua execução na guilhotina. Victor Hugo se opunha à pena capital e tanto nesta obra como em outras, ele defenderá este ideal. No entanto, o que diferencia “O Último Dia dum Condenado à Morte” de “Os Miseráveis” é exatamente a opção do autor em, na primeira obra, tornar a tese evidente, isto é, o repúdio à pena de morte.



Como dissemos anteriormente, esta escolha do autor delimita o leitor que acolherá o texto, alguns concordarão com ela, outros discordarão e, aquele que estiver indeciso, poderá ser convencido pelos argumentos, ou se constrangerá por causa da tentativa do autor em manipulá-lo.

### **A Tese Implícita**

Uma narrativa literária também pode apresentar a sua tese sem evidenciá-la.

Na verdade, a Literatura panfletária aborda uma tese sob a mesma ótica dum texto teórico. A tese precisa ser demonstrada, para tanto, apresenta-se casos nos quais ela pode ser aplicada. A ficção situa então a tese num caso ficcional, que através do enredo visa comprovar a tese que a motiva.

Retornando ao exemplo da obra de Hugo, para provarmos que a pena de morte é cruel, apresentamos um personagem sofrendo por causa da expectativa da execução.

Já no caso duma obra na qual a tese esteja implícita, o autor geralmente tenta falsear a tese defendida, ou apresenta uma tese contrária que será, no decorrer da narrativa, refutada. Podemos utilizar outra obra de Hugo como exemplo: em “Os Miseráveis” a tese inicial parece ser a de que “um criminoso nunca se recupera, nunca mais pode ser reinserido na sociedade”.

Como Hugo introduz esta falsa tese?

Jean Valjean é libertado da prisão, mas por ser um ex-condenado, ele é obrigado a carregar um passaporte amarelo, o que faz com que ele seja estigmatizado pela sociedade. Nem teto para dormir ele consegue encontrar.

No entanto, um bispo o abriga em sua casa. Naquela mesma noite, Jean Valjean resolve roubar a casa de seu anfitrião, ou seja, a tese parecia ser: “Jean Valjean (e, por extensão, todos os demais ex-condenados) sempre será um criminoso”.

Mas o protagonista é capturado e reconduzido à presença do bispo, que, ao invés de acusar Jean e enviá-lo novamente para a prisão, mente para a polícia, dizendo que os bens roubados eram, na verdade, presentes seus para Jean.

Esta atitude do bispo é um ato de perdão que Jean jamais poderia imaginar. Daquele ponto em diante, ele decide que será um homem correto. Todo o restante do enredo trata de luta de Jean para apagar seu passado e provar que ele está mudado.

Victor Hugo compreende que esta é a maneira mais eficaz para abordar tal tese. Através dos atos de Jean Valjean, o autor acaba conduzindo o leitor à conclusão que um homem pode mudar, que um criminoso pode se recuperar.

Através da negação, através de caminhos tortuosos, o autor pode conduzir o leitor até a tese defendida.

Outro bom exemplo é a obra-prima de Dostoievsky, “Crime e Castigo”. Nela acompa-

nhamos o personagem Raskolnikov, um estudante russo que elabora uma teoria: “as pessoas estão divididas em duas categorias: as ordinárias, para quais as leis e normas morais valem, e as extraordinárias, que estão acima do bem e do mal”. Raskolnikov acredita fazer parte da segunda categoria, acredita ser extraordinário. No entanto, quando ele assassina sua senhoria, ele começa a constatar que talvez estivesse equivocado, que ele também faz parte dos homens ordinários. Em Dostoievsky, quase sempre a tese é a antítese do que ele apresenta no início de suas obras.

### Tese Explícita ou Implícita?

Todo texto defende uma tese. Contudo, a abordagem desta tese faz parte do planejamento de uma obra literária. O autor deve saber, de antemão, qual será a tese defendida, e como ele fará para que o leitor a perceba.

A opção entre um texto panfletário ou um com tese implícita nunca é descompromissada. A abordagem dependerá do público para o qual a obra se destina, da proposta do autor e também da própria tese defendida.

Não é tão simples estabelecermos uma hierarquia de valores e considerarmos as obras panfletárias como piores do que aquelas com tese implícita. Na verdade, para alguns leitores, apenas uma obra com objetivo explícito é compreendida; nem todos possuem o refinamento para ler as entrelinhas dum texto cuja tese esteja disfarçada.

Entretanto, a História da Literatura costuma destacar os autores que conseguem defender suas idéias sem dogmatismo, sem proselitismo. Via de regra, uma obra de Arte é aquela capaz de tocar, de algum modo, todas as pessoas, concordem elas ou não com a tese apresentada.

E, para muitos leitores, desvendar os mistérios, desencavar os porões de uma obra literária para desvelar seu sentido é uma grande recompensa. Prêmio comumente recusado por obras panfletárias.

---

**HENRY ALFRED BUGALHO** (ITÁLIA/ PARANÁ). Formado em Filosofia pela UFPR, com ênfase em Estética. Autor dos romances “*O Canto do Peregrino*” (Editora Com-Arte/USP), “*O Covil dos Inocentes*”, “*O Rei dos Judeus*”, da novela “*O Homem Pós-Histórico*”, e de duas coletâneas de contos. Editor da Revista SAMIZDAT e fundador da Oficina Editora. Autor do livro best-selling “*Guia Nova York para Mãos-de-Vaca*” e do “*Curso de Introdução à Fotografia do Cala a Boca e Cli-ca!*”. Suas obras foram publicadas em revistas e sites brasileiros e internacionais, como The Blue Lake Review e The Fine Line (EUA), Revista Desenredos, Revista Podler e Portal Cronópios. Site: <http://www.henrybugalho.com/>

*DE LINALDO GUEDES*

## **MELOPEIA**

Para Elisa Gonsalves

o feitiço veio em um beijo alado  
inseto voando nas asas do desejo  
na penumbra do empório  
- armazém de inícios, sem fim

depois, chegaram as areias de tambaú  
penetrando tua pele  
como um pajeú  
- não a árvore que floresce apenas em junho  
mas um punhal, cortando pelos a serem tocados

depois, chegou o amor  
cercado de cuidados  
na madrugada que se fez dia  
numa eufonia de sons do litoral.

## PÓS

depois do amor  
o corpo dela dorme:  
edredom de penugens  
em lãs de gozos  
(chumaços de prazer na beira da cama)

depois do amor  
a preguiça agasalha  
o pássaro entre as coxas  
e se apossa da liberdade:  
anagrama em voo bárbaro para o seu ventre

antes do amor, soa a frase:  
sexo é para ser feito todos os dias  
(mas era noite, e mesmo assim foi feito).

## MANAÍRA

manaíra surgiu como um córrego  
um corpo de água correndo para meus dedos  
seus imponentes edifícios e silenciosas mansões burguesas  
ameaçados  
pela plebe do são José  
que descia barrancos por detrás do shopping  
enquanto patricinhas passeavam com mauricinhos  
ao som do último parangolé da mídia

(mas existem teus olhos assustados  
e eles criam riachos na alma  
geometria de sentimentos que acalma)

manaíra é uma praia sem dunas  
onde meninos jogam o sonho de neymar  
e o retão aponta o trânsito em direção ao mar  
bares e cinemas dialogando com o século XXI  
ali, os vingadores de um novo tempo  
aqui, um chope para resistir

(e teus olhos são também mui ternos, mui ternos mesmo  
enquanto olho da janela vizinhos invisíveis  
e coisas risíveis, que nem vale a pena poetizar)

manaíra é uma praia de calçadões  
e teus olhos, mais do que veraneios  
- residências alicerçadas na veia.

## NATUREZA MORTA

tenho respostas e mais respostas

respostas que não servem para nada

porque ficam mudas no vácuo de suas coxas.

Por Raoni Xavier

## Eden - o consumo



Raoni X.

## 1 MINUTO NA MISSA

*Por Valdênio Freitas*

Era um rapaz muito concentrado na sua dominical e reconfortante atividade cristã católica apostólica romana e mais tantos outros tantos adjetivos, vindos do português e do latim criados da sua fervorosa jovem religiosidade. Pouco depois da metade da missa quando ainda havia uma fila para que os fiéis recebessem a hóstia e o conforto de seus pecados, o rapaz reparou em uma garota. Apesar de que ela não era tão bonita, pode-se logo ir dizendo, a visão do rapaz permaneceu naquela que estava de vestido azul durante alguns segundos que se converteram em eternidades de pensamentos. Todas as palavras punitivas que tentam disfarçar a obscenidade dos palavrões são mais divertidas de se falar do que os próprios nomes proibidos. Logo de início o rapaz se perguntou se estava tendo aqueles pensamentos lascivos e impróprios ou até mesmo alguma visão concreta de atos fornicadores. Seu quase santo fluxo mental logo tratou de desviar aquele rio de pensamentos impulsivos que, insistentemente vinham e voltavam durante as missas, mas que agora, ativados pelas circularidades que aquela cor azul produzia, pareciam querer fixar-se por mais tempo. Quando já estava imaginando a moça católica azulada numa cama, tentou congelar o pensamento fixando em uma fotografia mental dela em que estivesse apenas dormindo. Mas por vezes a visão de uma mulher inerte em sono profundo é mais atraente que qualquer variação pornográfica já feita. Daí, tentou imaginar outros assuntos, voltar a pauta da santa missa, mas seu olho era pescado pelas vestes de cor celeste: seus movimentos leves quando ela ajoelhava e fechava os olhos para as orações, depois sorria para as pessoas, talvez por ter recebido alguma dádiva recente de deus. O mesmo deus infinito e pleno de sabedoria que, na opinião do rapaz, tentava cortar qualquer pensamento obsceno da sua cabeça masculina fazendo com que a garota azul erguesse discretamente as pequenas mãos próximo ao nariz e que, com o dedo indicador, remexesse as narinas. Seria alguma espécie de pequeno castigo divino por pensar imoralidades na hora da missa? Mas será que deus, tão ocupado com a administração do universo e as mais altas questões morais humanas, iria enviar a um bonito nariz feminino uma mera sujeira nasal, às vezes chamada catarro ou catota (dependendo da forma líquida ou sólida), para vigiar e punir qualquer impulso sexual? Logo o mesmo ser divino que segundo o padre e as aulas de catecismo tinha enviado seu único filho à terra e este, dentre outros milagres, fez um cego enxergar utilizando de saliva? No fim das contas as questões teológicas e morais sobre secreções do corpo humano iam se distanciando até que não preocupavam mais ao rapaz que, desconcentrado da atividade sacra dominical, estava apaixonado.



## ET MAZZAROPI – UMA HISTÓRIA REAL DE ABDUÇÃO

*Por Marcelo Mirisola*

Amora era uma hippie em pleno 2009. Até hoje guardei essa história comigo. Um tanto pela inverossimilhança. Outro tanto pela vergonha. Mas chega uma hora que a ficção não dá conta do recado e a realidade acachapante dos fatos se impõe ao estilo. O nome disso pode ser constrangimento, transcendência ou apenas Amora.

Vou contar.

Ela me convidou para passar um final de semana em Lumiar. Aquela mesma. Do Beto Guedes. Todo mundo conhece a música, e eu fiquei perplexo ao saber que a cidade e Amora – as duas ao mesmo tempo – existiam pra valer: com o agravante de que o convite para conhecer a cidade partiu dela, Amora, a última hippie do planeta. Muito gostosa. À época, eu flanava barbudão pela Lapa e conversava com os espíritos da Gomes Freire, Lavradio e adjacências. As almas do Arco do Telles me recebiam exultantes e rejubiladas. Eu me encontrava em pleno carnaval do século dezenove. Sozinho, porém bem-acompanhado. Os becos, travessas, ruas e vielas me pegavam pelo braço, abriam suas janelas, estendiam lençóis brancos e davam seus recados e boas-vindas. A cidade me levava. Tirando pela média, levei poucos sustos. Tive uma experiência soturna e ameaçadoramente gay no Mosteiro de São Bento. Depois aconteceu no Museu Nacional de Belas Artes. Quando fui sugado para dentro de uma tela de Rodolfo Amoedo. Uma espécie de aspiração maligna ou escárnio plácido do artista – como se o olhar da mulher retratada me aguardasse por cento e cinquenta anos somente para revelar o título da tela: “Más notícias”. De resto, foi só felicidade e algumas solidões que iam e vinham conforme as ondas que rebentavam nos molhes do largo da Prainha, como se o aterro não fosse o suficiente para conter as histórias e as ressacas prolongadas ao longo de todo um século.

Nesses dias, eu era todo-ouvidos pros mares extintos, pros fantasmas e pros baianos que chegavam na capital para trabalhar na estiva. Na pedra do Sal joguei capoeira, andei na ponta dos pés e fui mestre-sala, logo eu. “Sabe quem nasceu ali?” – a mendiga deu uma freada nas palavras desconexas, apontou pruma antena no alto do Morro da Conceição, e disse na maior naturalidade: “Você”.

Da mesma forma, Amora, a hippie, encantou-se com meu lero-lero e logo me deu trela. Eu fingi que era tudo bem simples, muito natural: um amor romântico, fruto tropical. De acordo com a musiquinha (Roupa Nova?) grudenta dos oitenta que – já naqueles tempos – eu não suportava. Desde sempre desconfiei de hippies e almas do outro mundo. E, de repente, (nem tão de repente assim...) me transformo numa espécie de maluco barbudo que chamou a atenção de Amora devido à aura luminosa que eu carregava sobre meus cornos resplandecentes. Amora-fora-de-contexto jurava que eu refletia as sete cores do arco-íris e mais uma outra cor oculta que somente os grandes avatares eram capazes de irradiar em raros momentos de

sincronicidade cósmica. Eu, hein?

Bem, já que ela pensava assim, me senti na obrigação de tirar uma casquinha. Mas, para tanto, teria de disfarçar minha ansiedade. Não podia chegar nela, e falar algo do tipo “chupa meu avatar aí, Amora”. Então, me aguentei, como se o convite dela – pra gente passar um final de semana em Lumiar – fosse a coisa mais natural do mundo. Ah, Beto Guedes. Ah, Amora. Uma garota de no máximo vinte anos, vendia origamis na Lapa, e tinha uma carapinha meio ensebada. Até aí, tudo bem. Eu não ia comer a carapinha, mas com certeza desfrutaria da bunda arrebitada e das tetas bicudas que fariam qualquer avatar irradiar sincronias cósmicas e muito esperma amiúde. Imaginei uma selva de pelos debaixo do suvaco e pentelheira farta na chavasca. Aquilo me deu um tesão sobrenatural, telúrico – algo condizente com minha condição de barbudo maluco da Lapa que conversava com fantasmas e não comia ninguém há pelo menos seis meses. Amora deve ter percebido a fissura, mas ficou na dela.

Arrumou uma pousadinha toda limpa pra gente passar o final de semana. A primeira surpresa. Eu estava preparado para pescar, moer cana e caçar lua, e no dia seguinte estender o sol na varanda, todo bicho-grilo feito Beto Guedes em 1978. Depois, ela quis saber qual era a “bandeira” do meu cartão de crédito. Aí falou do noivo. O sujeito trabalhava de recreacionista (leia-se bobo da corte e corno) nos navios da Linea C, e encerrou de vez minhas expectativas telúricas e pentelhúricas quando me chamou pra entrar na hidro. Máquina zero. Suvaco também era liso. Nenhuma penugem na canela, a buceta parecia um marisco triste vindo diretamente do mar de Peruíbe. Liso. Uma hippie depilada. Pensei em reclamar pro gerente da pousada, mas deixei pra lá. Afinal, o par de tetas (mamilos chocolate) apontava para o céu de Lumiar e estava lá sorrindo pra mim, o sorriso também depilado. Nem maconha ela fumava. Fazer o que, né?

Comi.

Em seguida, fomos dar umas bandas no centro de Lumiar. Ela costumava ir a um “espaço” que – às vezes – funcionava no quintal da Ideli, debaixo de uma jaqueira. Ideli era uma artista experimental amiga dela que, não bastasse ser artista e ser experimental, “interagia com espaços multidisciplinares”. Como se a xaropice da figura não coubesse em si mesma, Ideli tinha a capacidade de ser chata por metro quadrado e de – literalmente – ocupar os espaços. Para resumir, posso dizer que Ideli correspondeu ao meu ceticismo mais primário, e ocupou os espaços dela e minhas piores expectativas.

A gente pensa que está preparado. Que a sabedoria é uma condição adquirida junto com os calos que carregamos na alma. É nada. Logo que entramos no quintal da Ideli, identifiquei um cabeludo vestido de índio boliviano cantando “Açaí”, aquela mesma do Djavan; em seguida o cara sapecou Chico César e Legião Urbana – digamos que o filhodaputa não parou por aí. Nando Reis, Lenine. Tava frio pracacete e eu não aguentava mais ouvir o som de besouro-imã ou coisa que o valha, pedi licença e disse que ia meditar na mamma África que os pariu, e me

pirulitei.

Noite de Lua cheia. De lua óbvia. Sou um cara paciente, e – segundo Amora – tenho uma aura gay com as sete cores do arco-íris e mais uma cor oculta e conluiada com o cosmos bordejando sobre meus cornos iluminados, ora, se o xamã boliviano tivesse enveredado por Almir Sater ... ou, sei lá, Renato Teixeira, até que eu encarava. Mas aquele papo de que a gente tem que amar as pessoas como se não houvesse amanhã deu no meu saco, porra.

Lua cheia de merda, hippie depilada, o som do besouro-imã atazanando minhas ideias. Nessas horas sou mais Jorginho Bush e defendo o porte de arma. Bem, para voltar à pousada – fiz uns cálculos –, eu teria de atravessar a ponte e depois pegar à direita, em seguida passaria defronte o ginásio de esportes e caminharia uns duzentos metros pela estrada de terra. Quando chegasse no depósito “Veleiro” de materiais de construção, era só virar à esquerda, atravessar uma segunda ponte, e seguir morro acima. Consegui chegar na primeira ponte, e logo que pus os pés do outro lado, tudo ficou quase branco. Parecia que alguém havia acendido os holofotes dos Campos do Senhor – desculpem a analogia: é que, não só na ocasião, mas agora também, o Chico César e o Djavan juntos não me permitiram/não me permitem achar imagem melhor. Senti muito frio. E uma cegueira branca. Todavia não era o frio da noite, era como se a luminosidade daquele clarão me envolvesse num manto gelado, que tinha mais a ver com a visão em si do que com a baixa temperatura da noite que ... já não era noite. Me senti atraído por algo que, em vez de integrar e chamar para si, dissipava. Portanto, o contrário de uma atração. Tratava-se de uma gravidade enviesada. Como se a eletricidade do entorno e a temperatura externa fossem uma coisa só: juntas, essas duas forças agiam no meu corpo e me acalmavam quando – em tese – deveriam me deixar puto da vida. Na verdade, eu estava apavorado, mas não conseguia reagir a ponto de esboçar nada diferente de complacência e aceitação. Imobilidade. Como eu poderia dizer? Digamos que fui atraído por um estado de imponderabilidade e suspensão. Um imã que me indicava a direção oposta àquela que eu deveria seguir se quisesse voltar à pousada. Então, aos poucos, a luminosidade que quase havia me cegado foi cedendo a uma luz amarela, e depois âmbar, até que finalmente pude enxergar um objeto metálico em formato de ovo. Um ovo metálico. Conforme eu me aproximava do ovo e mais nitidamente o distinguia de todo o resto (passado, presente e futuro) perdia o controle sobre meu corpo. Como se eu, e todos os meus sentidos, tivéssemos sido condensados em visão. Eu era somente visão. De modo que tinha um espectro de 360 graus a meu dispor – as moscas enxergam assim. Se eu dissesse que me encontrava de cabeça para baixo e lúcido, qualquer um – inclusive eu – juraria que isso é papo de louco ou que, dessa vez, os efeitos do besouro-imã mais a mamma África teriam ultrapassados todos os limites do suportável. A ponto de me fazer optar por uma abdução (esse é o termo técnico “abdução”) em vez de dividir e/ou ocupar qualquer espaço multidisciplinar comandado por uma artista plástica sem talento e amiga de uma hippie depilada, bem, digo que foi mais ou menos isso que aconteceu. Apesar de toda contrariedade, eu que escolhi ser

abduzido.

Só que lá dentro, depois que eles me permitiram sair do estado de suspensão, é que entendi exatamente as coisas do jeito que elas eram (ou deviam ser). Tudo muito precário. Chão batido, lenha e panelas de cobre penduradas nos janelões que davam prum lugar escuro e muito alto. Os alienígenas deviam estar tirando uma da minha cara quando me perguntaram se eu queria dar uma tapa no cigarro deles. Maconha? Não, apenas distração, fumo de corda mesmo. Parecia que eu estava no céu do Mazzaropi, naquele filme: “Jecão um fofoqueiro no Céu” (1977).

ETs Mazzaropi? E a tecnologia, perguntei.

Um deles, que vestia uma camisa esgarçada e tinha olhos puxados a partir de uma esclerótica branca e as pupilas lilás, me disse: “Quem gosta de apertar botãozinho é caipira”. O ET até que foi didático e paciente comigo, eu no lugar dele teria me mandado de volta pra jaqueira da Ideli. Explicou-me que a gente aqui na terra projetava as coisas de acordo com a precariedade de nossas ambições, daí as naves em forma de ovo metálico e o som do besouro-imã. Aquilo podia ser uma nave ou uma choupana. Eu que escolhia. E como a maioria dos meus semelhantes optou pelos seriados dos anos sessenta, então, aos nossos olhos, eles deviam ser aqueles seres ultra-inteligentes e donos de uma tecnologia infinitamente superior à nossa, tudo bobagem, me garantiu o ET – inclusive a esclerótica branca e as pupilas lilás.

Simples. Pelo fato de eu nunca ter dado muita bola pro George Lucas – ele me explicou – eu os projetava como Mazzaropis estelares. Uma nave pode ser movida a lenha ou a criptonita, ou a papel crepom.

- Nunca viu Fellini, mané?

- E os militares? – perguntei.

- Quiéquitem? – ele ria da minha cara.

- Roswell, Área 51. Nasa!

- Bobagem. Tudo bobagem. Ou você acha que nós, evoluídos tecnologicamente – o ET sacudia a pança de tanto rir – temos fetiche por fardinha?

- E a operação Prato?

Ele saltou do banquinho, e mudou de fisionomia. De repente, o Mazzaropi se transformou no general Figueiredo:

- Prefiro o cheiro de bosta de cavalo ao cheiro do povo!

Ele apontou pruma mesinha de fórmica. Sobre o móvel, uma Semp-Toshiba transmitia o desfile de 7 de setembro. Urutus na avenida. Hino da Bandeira. Autoridades no palanque, as mulheres dos generais faziam o contraponto aos Urutus, e usavam capacetes de laquê.

Então, o ET perfilou-se na minha frente, olhou nos meus olhos, e falou cuspiendo fogo:

- Inquéritos policiais militares. Bases, hangares. Dragonas, patentes. Arquivos secretos e documentos ultraconfidenciais, homens de preto. Buuuuuu!!!!.

O filho da puta me assustou. Voltou o Mazzaropi:

- Ô, sô. Num orneia, não. Vocês que inventaram a ordem, a disciplina, a hierarquia e a regrinha de três. A maluquice é de vocês.

- Eu? Eu não tenho nada a ver com isso, seu ET.

Tava na hora da merenda.

Ele sabia que mais ou menos eu compartilhava das ideias dele, antes mesmo do nosso encontro. Então, me ofereceu um bolo de fubá e passou um cafezinho num coador encardido. O melhor café que tomei na vida, registre-se. O ET Mazzaropi recomendou que eu voltasse a Ouro Preto, disse que eu tinha o privilégio de testemunhar a transformação de um sujeito – amigo meu que havia rejeitado a deserção – em santo: “Ele tá virando santo diante do seu nariz e de uma platéia maluca e distraída, a gente aqui fica zelando por aquele bebum”. Eu sabia que sim, e de quebra o ET me lembrou do Preto Velho, aquele do terreiro do Andaraí. Fiquei intrigado, como é que ele sabia da macumba no Andaraí?

- Eu sei, uai. Lembra o que ele disse?

Lembrei, mas não falei nada pro ET. Mesmo porque mudamos de conversa para tratar do mesmo assunto:

- Isso aí, meu filho. Vai em paz e diz pros seus coleguinhas lá de baixo que o mineiro só é solidário no câncer. E fala pro povo rancoroso pra não ralhar com a tia Nastácia. Aqui não existe botãozinho pra apertar, tá vendo?

Eu queria saber se o mundo ia acabar em 2012, se o Palmeiras cairia pra segundona outra vez, se a Ivete Sangalo era mesmo a reencarnação de Hitler, se o mundo espiritual tinha alguma relação com os ETs, por que o Chico Xavier usava peruca e pra qual sistema solar teriam ido os pentelhos de Amora, aquela hippie mequetrefe ... Nesse momento, ele abriu um sorriso largo e desdentado, pitou o cigarrinho de palha e afagou o holograma do Batuque, um viralatinha simpático que se aninhou sobre as nuvens do nosso planeta. A gente via a sombra do cãozinho atravessando cordilheiras, indo ao encontro de outras nuvens e se transformando em canções sofridas. “Coisa triste e bonita” – comentou o ET .

O puto do ET era o Mazzaropi cuspidado e escarrado. “Servido?” Entornei um gole de uma amarelinha do outro mundo, brindamos o nascimento de um garoto que tinha tudo para ser uma espécie de Antonio Conselheiro da Vila Joaniza, ia depender somente dele. “Esse garoto pode mudar o mundo ... mas se bobear vai ser recreacionista no Clube Med”, constatou o ET, meio que desconsolado e rindo de si mesmo. Eu acrescentei: “Recreacionista, e corno”.

Enchemos a cara, puta viagem legal. O convidei pra estréia da minha peça-punk, “Sobre os ombros dourados da felicidade”\*, que aconteceria dali a 3 anos, no Reserva +, lá no Rio de Janeiro num 1º de outubro de 2012 (no problem: ele viajava no tempo) e lhe disse também que não o perdoaria se não dividisse comigo um filé encrensa no Planeta’s. A essa altura estávamos pra lá de alfa-centauro: “Planeta’s, sei sei. Encrensa no Planeta’s Terra” – ele se divertiu com o

próprio trocadilho, e arrematou:

- Quando dá errado é que dá certo.
- E'?
- Claro que é, uai.

Guardo uma última lembrança. Quando o ET coça o dedão do pé, e diz p'reu desencanar que a vida engana, cacete!, ele citou Nelson Rodrigues, citou Reinaldão Moraes ... e falou da macumba no Andaraí. Agora lembro:

- Anjo toco – disse o Preto Velho do Andaraí – “anjo toco não voa”.

*DE VIVIANE SANTANA*

o chad do universo invadiu a sala depois que o canal de televisão  
saiu forado a rme ocorreu que nascemos  
da morte de uma supernova somos feitos de pó de estrela  
e criamos o ínfimo universo dentro de nós  
tamanha aimensidão do escuro e a enorme complexidade  
comprimada em nosso reduzido viver  
há mais estrelas no universo do que grãos de areia na terra  
há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonhos na nossa vã  
filosofia somos pó de estrela um açúcar cósmico e cômico  
bípede falante a metamorfose da estrela  
borboleta de saia vestida de calça jeans de terno e gravata  
de burca de fiodental na praia  
tudo que vive vem da estrela o musgo verde escuro da travessia  
dos muros o guincho do brado de ferro do portão de entrada  
saídas o esterco do gado no pasto das horas irrecuperáveis  
o umbigo da madeira os nós-cegos dos caminhos  
e brilha  
mesmo quando não brilha vem do enxofre do fósforo  
e de outros restos de estrela morta da purpurina do esqueleto  
espalhada pelos quatro cantos do mundo

a Marcos Pontes

meu blog deveria ter uma coloração esverdeada  
clara meus dias transparentes  
borbulhando os momentos  
e as imagens oscilando com o balanço das algas  
mas existe a escala acromática do cinza das verdades  
vertentes de pedras e vestígios sólidos do coado e feito real  
do lodo e já não é mais o tom  
spring green

comobicosdedosnoteclado  
docomputadorcatavarápidoasletrasdaspalavras  
quegerminavamnoacinentadodomonitor  
escreviaumadestasmensagensbreves abreviadas  
cheiasdegírias dizendoqueseriabomse  
reencontrassemumavezqueotempocarrega  
osacontecimentosdentrodaboleiaquesegue  
emdireçãocontráriamasnaquelemomento  
nenhumdosdoissabiaoquantoaquelafrase  
seriafriaeoquãooootempotransformaria  
oreencontrosealgumdiafosseacontecer

syfaenéonomeuma letra que eu poderia  
carregarcomigocomoolevecheirodesuor  
nofinaldodia nosolpostodecabeçaparabaixo  
eocrepúsculoseabrindoquando  
osgalhosdasárvores tremem quandooventovemsoprar  
osfatasmasinvisíveisdomovimento  
**OMOVIMENTOÉCHEIODEFANTASMAS**

umapanelacozinhacarneemcimadofogão  
deondeavistaajaneladebocaaberta  
comendoluznoprelúdiodojantar  
ondeosilênciorecolheosúltimoscantosdospassarinho  
**DIGERELUZASJANELASABERTAS**

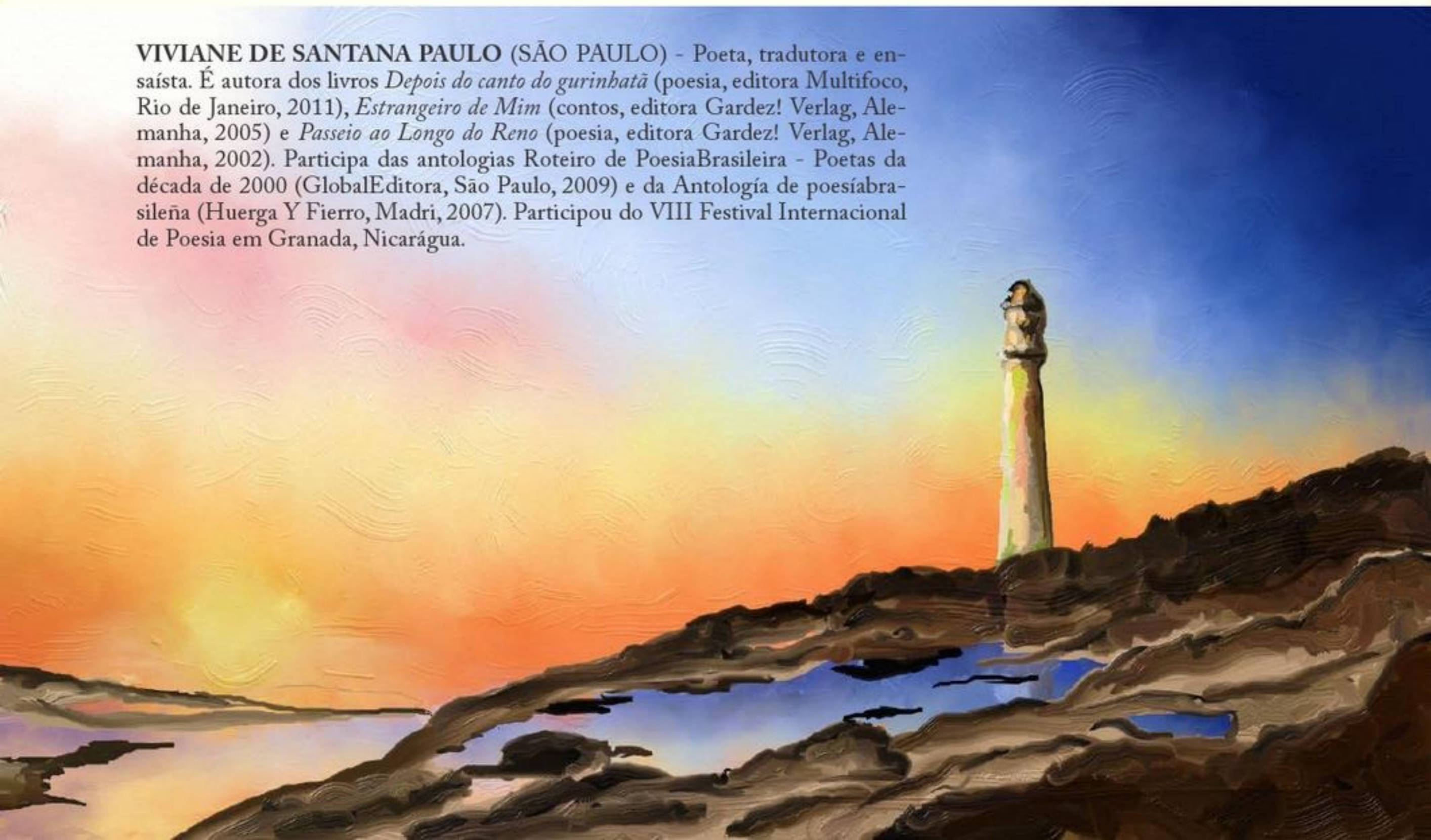
nasletrasdosentimentoháváriosgarranchos  
**SÓHÁGARRANCHOSNASLETRASDOSENTIR**  
éporissoqueasconstataçõesficampresanosrabosdosgarranchos  
epormuitotempoacrediteinopólendasestrelas  
quedopólendasestrelativessenascidotodasletras

**EOHUMANOBROTOUDOPOLENDASESTRELAS**  
porqueasletrassãodoshumanos  
hojeseiqueéassim  
easalgãodosfiosdecabelodomar

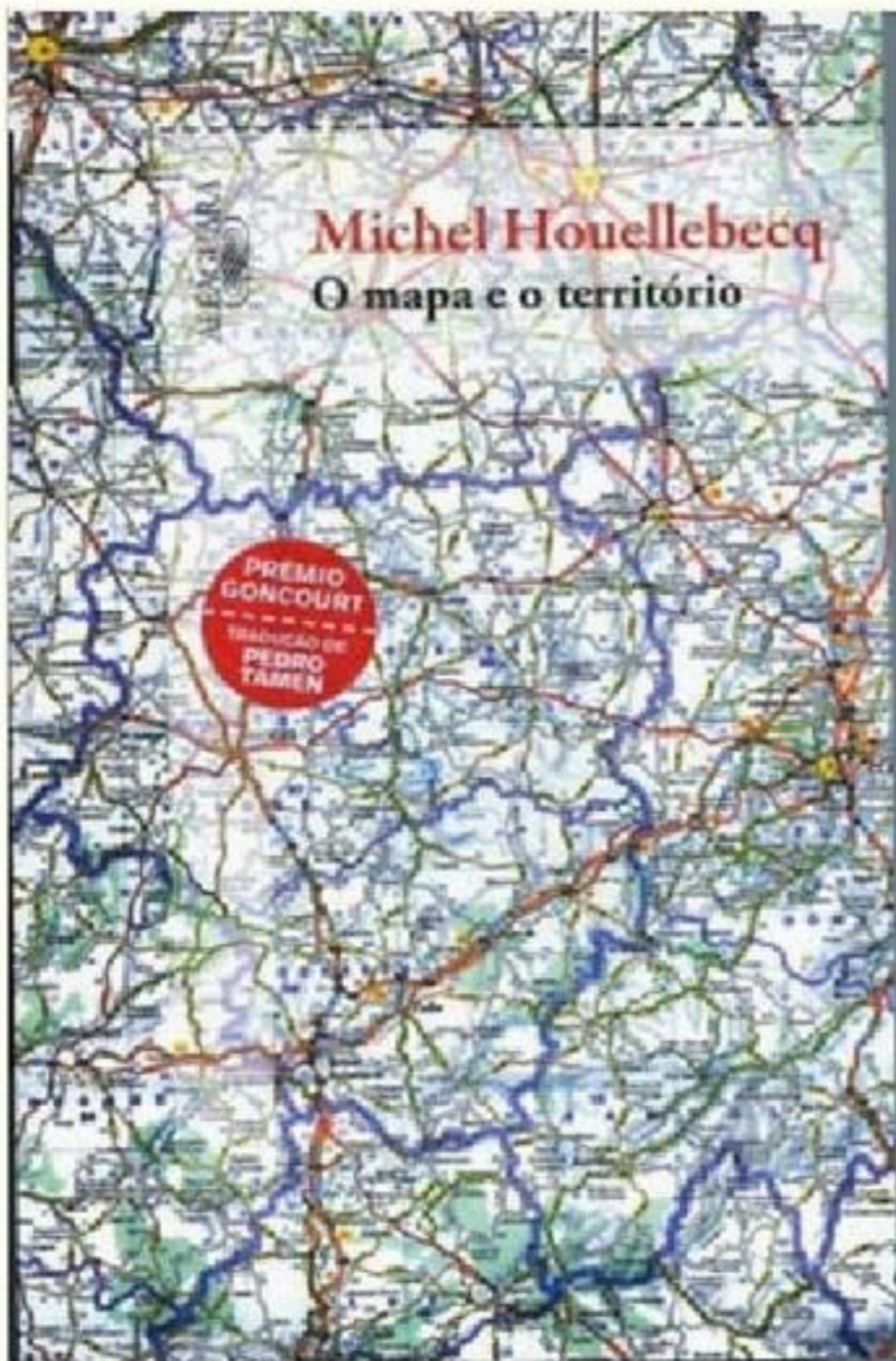


vemestarcomigonosintensoslampejosno fundo  
dasmadrugadas na penumbra das mãos sôfregas buscando  
osportosseguros ao longo das tormentasqueosossos  
corposiniciam ancorar nas orlas e explorar os interiores  
úmidos sou lilithevemestarentreasminhascoxassobafenda  
nasparedes da fugaquenolevalonge das entediantes  
batalhasdiáriasabandoneas  
oscompromissosmaçantesostelefonemasosemailsrespondidos  
asmásnotícias... não se preocupe comisso  
vemtreparnosmurosaltos do prometidosentir  
aredondeza do limiaroslábios calcados no ventre  
dosonho e osjoelhoscomoparte de uminstrumento dobrável  
vemsentirogemer da música tremulando na pele nua  
veroespelho da noitenosolhos da coruja  
esqueçaassenhasaquinão  
precisa de senha nenhuma ossegredos se revelam  
emcadano de braços e pernasentrelaçados e asvelas se abrem  
parareceberomastrovamossingraraságuas inquietas  
domarítimonoturno

**VIVIANE DE SANTANA PAULO (SÃO PAULO)** - Poeta, tradutora e ensaísta. É autora dos livros *Depois do canto do gurinbatã* (poesia, editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2011), *Estrangeiro de Mim* (contos, editora Gardez! Verlag, Alemanha, 2005) e *Passeio ao Longo do Reno* (poesia, editora Gardez! Verlag, Alemanha, 2002). Participa das antologias *Roteiro de Poesia Brasileira - Poetas da década de 2000* (Global Editora, São Paulo, 2009) e da *Antología de poesía brasileña* (Huerga Y Fierro, Madri, 2007). Participou do VIII Festival Internacional de Poesia em Granada, Nicarágua.



*Por Bruno Ribeiro*



HOUELLEBECQ, Michel. **O Mapa e o Território**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Sinopse: Jed Martin é um artista francês que se torna famoso por reproduções de mapas rodoviários e por quadros retratando pessoas no exercício de suas profissões. Por mais que tenha sucesso em sua carreira, Jed não consegue se relacionar com as pessoas. O único acontecimento capaz de tirar a vida de Jed de seu curso é um assassinato brutal, que ele ajudará a desvendar.

O Mapa e o Território pode ser considerado um livro biográfico, não sobre o autor, mas sobre a arte, e ela vem representada em carne e osso na figura de Jed

Martin, o protagonista do romance. Um artista que acompanhamos em detalhes minuciosos, desde o princípio da sua vida até o término. O livro se divide em três capítulos, cada um nos reserva uma surpresa, principalmente o último, em que ocorre um ponto de giro, transformando o romance existencialista em um policial.

A obra brinca bastante com os gêneros, cada página é uma surpresa interessante, seja nas descrições excêntricas da narração ou nas citações da Wikipédia que Houellebecq utiliza (causando inclusive, denúncias de plágio contra ele) em certo momento, quando prepara uma espécie de retrospectiva do seu trabalho, Jed deve convidar um escritor importante para fazer o texto do catálogo da sua exposição, o nome escolhido é Michel Houellebecq. Neste ponto do livro, em meados do segundo capítulo, o livro ganha uma força irônica e ácida, o autor brinca com a sua figura na história, levando até os últimos limites a ideia de criticar uma pessoa, para na verdade, criticar um meio específico, e porque não, uma sociedade.

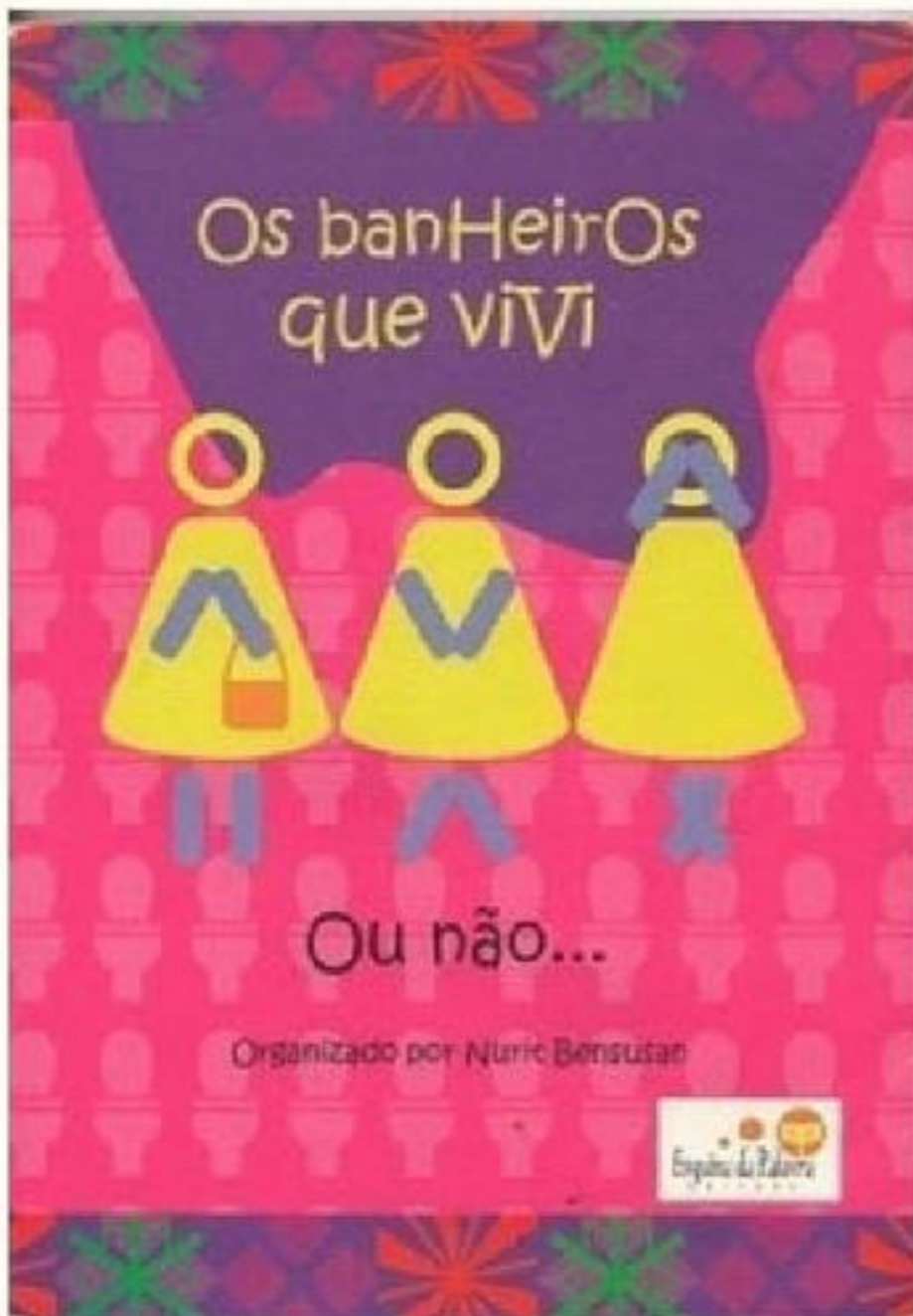
Apesar de se colocar na história do livro, o autor nunca se aproxima dos personagens, a distância é uma palavra chave para definir o romance. As pessoas deste mundo temem se aproximar demais um dos outros, eles negam o mundo em que habitam: a realidade glamorosa, a finesse francesa, os bicos saturados de vinho tinto e caviar. O artista Jed renega seu meio, ele se torna milionário, seus quadros passam a valer milhões de euros, ele se vê obrigado a aceitar o sucesso. Em certo momento, vê que a arte, fama, a própria vida entre suas idas e voltas, é equivalente à morte. Entretanto, assim como os outros, ele não se difere em nada, somos todos iguais neste mundo perfumado de Chanel nº 5 e risadas de plástico.

Michel se coloca nesta esfera refinada de forma caricata, descrevendo-se como uma pessoa desleixada, fedida, bêbada, barriguda, lembrando uma tartaruga, sempre reclamando da vida, depressivo, um outsider.

Dessa forma, o autor nos mostra que ninguém está dentro do círculo, todos somos revoltados, desajustados; não há diferença entre nossos corpos e pensamentos, ninguém está contente com o presente que habita; como ele diz nas páginas finais do livro: “O triunfo da vegetação é total.” Nada pode parar o tempo, nada pode parar nossas indagações e tormentos. A arte reflete a vida, e essa, reflete nosso interior desgastado de dúvidas.

Somos todos iguais, essa é a triste realidade que insistimos em negar a plenos pulmões.

*Por Thuca Kércia*



NURIT BENSUSAN (org). **Os banheiros que vivi... Ou não**. Brasília: Esquina da Palavra Editora, 2007.

“Quantas vezes por dia você vai ao banheiro? Se você multiplicar pelo número de dias que viveu, vai ver que o número de oportunidades que existiram para que algo realmente interessante, ou embaraçante, ou extravagante acontecesse com você”. Foi pensando nesta possibilidade de relatar experiências vividas – ou não – em banheiros pelo mundo a fora que um grupo de mulheres reuniu-se em Brasília para produção do divertido livro “Os Banheiros que vivi... Ou não”, publicado em 2007, pela já extinta Editora Esquina da Palavra.

Sob organização da bióloga Nurit Bensusan, a coletânea de crônicas, foi produzida por 24 mãos femininas e nos coloca em contato com histórias bizarras ocorridas nestes “ambientes tão desprestigiados pela literatura”, revelando assim – sobretudo ao universo masculino – “um vislumbre da alma feminina”, sensível na observação destas situações das quais somos todos passíveis, e o resultado disto tudo são textos recheados de requintado humor onde paralelamente nos identificamos.

Constam no livro, histórias de assíduas frequentadoras de bares (e conseqüentemente de banheiros de bares) que fizeram das mais inusitadas situações vividas nestes pequenos espaços seu objeto de observação e construção narrativa. O banheiro é também, nesta obra, o cenário onde se passam curiosas histórias: trazendo a tona memórias infantis, de viagens, e por que não eróticas?! Fazendo-nos enxergar quão interessante, se historicizado, se torna o espaço do banheiro, sejam de avião, de aeroporto, de barco, da escola, ao ar livre...

THUCA KÉRCIA MORAIS LIMA (PARAÍBA). Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## QUINTO ANDAR

*Por Almeida José\**

Ele achava feio uma noite sem estrelas. Mas talvez fosse essa a única coisa que lhe incomodasse de verdade nos dias de hoje. Não ligava para o café morno em cima da mesa, bebia em um só lance. Não se importava com a namorada fria, comia sem dizer bom dia. Pedrosa está sozinho agora: camisa aberta até o terceiro botão, já não consegue achar o isqueiro. Sofre do mal dos canalhas, magro. Mas aparentemente não o suficiente para caber entre o sofá e a escrivaninha de plástico.

- Merda - pensou em dizer - mas o isqueiro não sairia sozinho do chão do apartamento alugado.

Sentia falta de quando sua voz movia até o inanimado, de quando seu dedo era cacete, de quando o seu olhar era mandato, de quando o seu canto era oração, de quando lhe prestavam atenção, de quando era levado a sério, de quando lhe ouviam, de quando lhe davam bom dia. Merda, de tão magro parecia invisível até no elevador. Lembrou-se dos colegas da repartição, que faziam de tudo para emagrecer e quando conseguiam, Pedrosa fazia questão de não reparar. Talvez não seja de se espantar o fato de que ninguém tenha percebido o quão fraco ele está.

Subiu até o apartamento com o isqueiro novo, da padaria da esquina. Abriu a porta e bateu o fundo do maço em busca de um amigo para botar na boca. A sala do apartamento alugado lhe pareceu um latifúndio. No lugar de retratos, faziam a decoração: quadros baratos, taças empoeiradas e cães engarrafados, todos abertos. Alguns vícios são melhores do que outros, todos são melhores do que a realidade. Serviu-se três dedos de ilusão.

- Será que alguém vai perceber? Pelo menos até segunda-feira? - perguntou-se ao contemplar a vista, jogou um gelo para medir a distância, alguma coisa perto de 45 metros. Lá em embaixo, fantasmas aceleravam seus carros prateados sob o asfalto ainda quente do sol da tarde. Não eram nem nove da noite.

Gostava de quando o vento lhe batia na camisa e os botões roçavam-lhe no peito branco. Sentiu cócegas, finalmente sentiu alguma coisa! Ria, dançava, cantava, desafinava quase que por querer. Com os olhos fechados, tropeçou no sofá e caiu no chão de madeira velha, riu da própria tragédia. Sorriu para a lâmpada da sala, quis lhe contar o ocorrido no dia anterior, nos mínimos detalhes, e sem comerciais. Mas na bela cidade do espetáculo, nada disso tem valor se ninguém estiver olhando. Ele jurava não se importar. Quis ligar para o pessoal do escritório. “E aí, Marlí, como está o filhão? Passou no vestibular?”. “Pedrão, e o seu Santos, heim?”. “Mário, porra, já emagreceu quanto?”. As garrafas não respondiam, encheu o copo para ver se virava o jogo.

- Não vão descobrir até de manhã cedo, ou mesmo até segunda-feira, especialmente se eu não for com a credencial no bolso – riu da própria miséria, observado pelo silencioso telefone.

Foi para o quarto, tomou um demorado banho. Se enrolou na toalha e procurou a sua camisa favorita, branca de linho, a que usou na posse. Sem fazer barulho, deu nó na sua gravata azul marinho de seda. Vestiu o terno cinza, colocou seus sapatos brilhantes. Decidiu cair na noite, afinal, ainda não eram nem nove horas...; correu para o banheiro, se sentia um menino: gel no cabelo, perfume no pescoço, sorriso na boca fina. Era apaixonado por si mesmo, sempre foi, sempre bastou-se. Colocou a carteira no bolso de trás, com o distintivo virado para fora. Pronto, cruzou o apartamento uma meia dúzia de vezes, dando ordens para a televisão, para o criado mudo e para a geladeira. Enfim, calou-se.

Foi até a janela, e encarou a cidade em que costumava dominar, todos em algum momento já ouvira falar de Pedrosa, mesmo assim, até segunda-feira, ninguém iria dar falta. Quando o vento bateu mais forte, respirou fundo, os sapatos brilhavam pretos em contraste com o mármore da sacada. A lua não apareceu para dar luz à cena.

-Vá em frente, não é isso que você sempre quis? Ser intocável? Vá em frente, Coronel, como sempre, ninguém vai te parar.

Estava certo. Como sempre, ninguém o impediu, Pedrosa caiu naquela noite.

---

\* pseudônimo do escritor

*DE MARCELI ANDRESA BECKER*

**MEMENTO MORI - II**

*para Juliano Bittencourt  
e Valdomiro Bittencourt*

a lua destampou-se: era um tanque de nitrogênio.

hosana nas alturas,

no ponto cego das luvas cirúrgicas,  
no ponto cego das pinças

e dos bisturis.

*o altíssimo laboratório.*

\*

era um vale sacrocientífico.

congelaram-se dentro da lua nossos  
dez litros de sangue.

as cápsulas do teu sêmen  
e dos meus óvulos.

\*

o tanque onde lavei tuas roupas suspendeu-se de si  
como se a água não tivesse espessura.

os enamorados,

olhamo-nos até que se abrissem todos os registros.

\*

a sombra das aves incandesceu sobre  
as colchas e os móveis.

era tarde para gritar,  
mas gritamos.

alguém diria que de uma hora para a outra romperam-se  
as mordanças:

que o assassino se ergueu, iluminado —  
como deus no monte sinai.

\*

depois o fogo surgiu com hematomas nos joelhos.

porque teria aberto as pernas violentamente  
e se batido nas quinas,

a morte.

os joelhos roxos.  
o pescoço roxo.

a cabeça roxa, dos anéis penianos.

oh! meu tarô macabro,  
misândrico,

a corda presa ao primeiro gancho do mundo:  
o enforcado.

\*

desde então a lua canta o seu próprio derretimento.

as radiografias saem das gavetas à noite,  
deitam-se na terra



e encaixam-se umas às outras  
misteriosamente.

hosana nas funduras,

aqui os esqueletos conversam como ventríloquos.  
suas mandíbulas se abrem e se fecham,

(mas não dá para saber de quem é o braço que controla.  
de onde vem a voz).

\*

ouvíamos no quarto,  
lembras?

juro-te, cantavam o teu nome,  
a torre.

inspiravam medo.

\*

sei que estávamos ali.

os pesquisadores tentaram nos chamar;  
os bolsistas capes/cnpq,

os doutores,

o baixíssimo laboratório.

alguém diria que o coveiro se ergueu, iluminado —  
sobre o barro que ele mesmo amontoou,

com sua pá.

## MEMENTO MORI - III

### PRÓLOGO

pesar continuamente.

\*

*ipsis litteris,*

o altíssimo corpo, que gira em torno de si mesmo,  
que descobre o seu covil

de sombras.

\*

teria visto as mãos do suicida iluminarem-se.  
teria visto o eixo do motor.

\*

o ponteiro marca nunca mais  
no velocímetro.

\*

há quem acredite que deus anotou o resultado do cálculo em rpm  
nos grandes lábios da mulher.  
gozar é uma forma secreta de dizê-lo.

### CENA 1

uma boca soprava o vestido branco.

era uma boca, um cano  
de escapamento?

não sei —

abriu-se no poema subterrâneo, no chão,  
entre as pernas de marilyn.

## CENA 2

eu no banco de trás,  
papai no volante,

(saímos cedo de casa  
naquela manhã).

\*

na esquina uma puta sonhava em se casar de branco.  
“por que não?” —

\*

a ideia girou durante anos

em torno de si mesma, deste misterioso deus  
que escorre do velocímetro,

que suja o ponteiro com seus  
trinta e seis mililitros

de esperma.

## CENA 3

marilyn morreu aos trinta e seis anos.

sei que dormia e que minutos antes  
um poema abriu-se

no seu sonho.

*talvez ninguém seja o bastante*

*para amar:*

*para dizer o nome dos eixos*

*que giram*

*por dentro do amor,*

*entre as pernas.*

*não, talvez nunca encontres a boca*

*que revelaria  
o resultado do cálculo em*

*“eu te amo”.*

#### **CENA 4**

porque nada conta na hora  
de negociar.

\*

não pagaria mais pelo programa, infelizmente.

não concederia a imortalidade,  
não entregaria as chaves

(do carro)

\*

a esta mulher que sonha com a boca de um homem  
dentro do seu nome,

dizendo-o,

*“eu te amo”,*

enquanto sopra o esmalte  
das unhas.

## EPÍLOGO

há quem acredite que deus não anotou  
o resultado do cálculo.

\*

a altíssima ereção,

\*

o ponteiro, o silêncio brutal que cresce na cueca  
do suicida.

enfiar as mãos, tocá-lo.

\*

as luminosas mãos de marilyn, da puta,  
de marceli andresa becker.

\*

marcar nunca mais.

---

**MARCELI ANDRESA BECKER (RIO GRANDE DO SUL)** – Poeta e Ensaísta. Formada em Filosofia. Editora da Mallarmagens Revista de Poesia e Arte Contemporânea. Publicou poemas em diversas revistas eletrônicas e blogs. Participou da Miniantologia Poética do Centro Cultural São Paulo, organizada por Claudio Daniel, e da Pequena Cartografia da Poesia Brasileira Contemporânea, organizada por Marcelo Ariel. Organizou a antologia Desvio para o vermelho: treze poetas brasileiros contemporâneos, que saiu este ano pela Coleção Poesia Viva (Centro Cultural São Paulo). Na área de filosofia, publicou artigos científicos e ensaios em revistas eletrônicas e mídias impressas. Mantém o blog De Ter de Onde se Ir (<http://deterdeondeseir.blogspot.com>). E-mail: [mab\\_1109@yahoo.com.br](mailto:mab_1109@yahoo.com.br).

De Flaw Mendes (texto: Valdivia Costa <http://deacordocom.blogspot.com.br/>)



"EU GOSTO DE MARIA POROROCA, DE JOSEFA TRIBUTINO, DE CARMINHA VILAR... Ô MINHA FLOR, MINHA PEQUENA, CAMPINA GRANDE, MINHA BOBOREMA..."



DEPOIS DE UNS AFGOS E TRAGOS, CHEGO AO GARBOSO ELDORADO. ESSA ENTRADA, SEMPRE TÃO BEM SEGURA, COM "LEÕES DE CHÁCARA" QUE ZEFA TRAZ DEUS SABE DE ONDE. HUM... QUE PERFUME! HOJE AS MENINAS CAPRICHARAM!



E O LUXUOSO SALÃO AINDA ESTÁ PRATICAMENTE VAZIO...



ZEFA TRAZ, NEM QUE SEJA, UMA DANÇARINA NOVA POR SÁBADO, OS FILHOS DOS CORONÉIS E DOS POLÍTICOS SEMPRE ESTÃO POR AQUI, COMO O POETA RONALDO, QUE SÓ FAZ BEBER E ESCREVER, A NOITE TODA. ALÉM DO CARTEADO QUE JOGA...



## O JEITO DE ILUSTRAR A HISTÓRIA DE LÍLIA MOMPLÉ EM “NINGUÉM MATOU SUHURA”

*À Lília Momplé e os seus pais*

*Por Eduardo Quive*

*“A felicidade jamais se alcançará definitivamente; é necessário conquistá-la dia a dia, com uma inabalável esperança no futuro, mas também com os ensinamentos do sofrimento passado.”*

*Lília Momplé, in “Ninguém Matou Suhura”*

“Ninguém Matou Suhura<sup>1</sup>” de Lília Momplé nos remete a uma viagem latente, para factos inalados pela história que ainda se recusa a passar para a memória dos Moçambicanos. No discurso da leitura que se pode fazer da obra, notam-se as marcas de quem, viveu o passado composto por opressão, impunidade, injustiça prevaricada por uma raça branca de estrangeiros, que já se tinham tornado donos de uma porção de terra, onde existiam já, povos e culturas. Refiro-me aos portugueses que colonizaram Moçambique e a autora ilustra os fatos datados de Junho de 1935 e a Abril de 1975, enquanto o País, na altura uma província de Portugal, estava entre o mais alto período do jugo colonial e por outro lado, chegava à independência.

### 1. “Histórias que ilustram a estória”

“Ninguém Matou Suhura” não são apenas vivências que a escritora nos leva a conhecer, mas trata-se de 5 contos – estórias que ilustram a história – relatados por quem as viveu e sentiu na pele, mais do que, por uma alma feminina que nos transmite, em cada parágrafo, alma de uma mãe que vive o calvário de ver seu filho atirado aos bichos.

Que não seja só por isso, até porque a esta obra, mais do que uma denuncia e desabafo dos macabros acontecimentos da era colonial em Moçambique, vem carregada de uma energia que a leva a renovar-se todos os dias, isto é, ler “Ninguém Matou Suhura”, é ter em si, o poder da escrita e em mão, uma verdadeira narrativa realista com dimensão única entre nós.

“Ninguém Matou Suhura” é a consagração, logo a primeira, da Lília Momplé como uma verdadeira contadora de estórias em volta da lareira – Xitiku Ni Mbaula – pela objectividade da sua obra, mas pela eficiência do seu domínio da palavra, não deixa de criar uma convulsão para, antes de nos passar a mensagem, fazer com que participemos das suas emoções.

Se bem que na Literatura Moçambicana, pelo menos lançando um olhar para a presença feminina, muito pouco nos é fornecido em termos de livros, e da sua geração menos ainda, em Moçambique, na literatura feita por mulheres, há mais poetisas (com pouca expressividade,



principalmente sob ponto de vista de qualidade artística da sua poesia) do que prosistas, gênero em que figuram como exímias.

Ilustrar a história através deste livro foi a chegada em peso, de uma mulher nas artes escritas, depois da reconhecida Noémia de Sousa que inspira gerações, aliás, embora esta ter se destacado por ilustrar a história com a poesia, pode-se considerar a Lília Momplé, mais um braço direito na continuidade desta linha, mas de um jeito mais atrevido, ao ter pautado pelo conto.

## 2. Os Contos

O primeiro conto, “Aconteceu em Saua-Saua” o assunto principal é o suicídio de um homem chamado Mussa Racua que, por não ter conseguido atingir a meta dos 8 sacos de arroz exigidos pela administração colonial como pagamento de imposto depois de longas jornadas de procura de ajudas à vizinhança.

Ficara inconformado de perder a esposa e ter que viver o drama das torturas nas plantações (locais onde se levavam negros que não conseguiam pagar o imposto ao Posto Administrativo), preferiu pendurar o pescoço numa corda e balouçar eternamente numa árvore. Neste acontecimento, nota-se o drama que os negros, moçambicanos colonizados, passavam perante as leis exploradoras dos portugueses.

Destaca-se neste conto, a tamanha descrição de cada ação do personagem Mussa Racua, em cada uma das suas ações, começando pela delirante introdução ao seu drama:

*Mussa Racua aproxima-se lentamente da palhota de Abudo (...) caminha com passos firmes, de cabeça erguida, o belo corpo bem direito. A ansiedade e a dorida revolta que o queimam, sabe ele escondê-las dentro de si. Só os olhos, demasiado serenos, demasiado fixos, denotam a conformada lassidão do jogador que tudo perdeu.*  
*Abudo é a sua última esperança. Contudo, uma esperança tão remota e fugida que, longe de o animar, o enche de pavor. Não recua só para justificar a si próprio que lutou até ao fim. (pág:09)*

Este o princípio da ronda que o personagem Mussa Racua faz pelas dispersas palhotas do Saua-Saua a procura duma solução do seu problema – procurar dois sacos de arroz que lhe faltam dos seis que já tem, para resolver a sua dívida com a administração que caso não conseguisse, o levaria às plantações – coisa que não chega a resolver, por não conseguir o arroz e acabara por não parar nas plantações lugar de pouca possibilidade de sobrevivência, porque decidira se suicidar.

*Na escuridão enlutarada do pequeno quarto sente a mulher a dormir um sono agitado, mas profundo. Um desejo violento de a apertar nos braços para sempre impele-o para ela, mas recua a meio quarto. Então, com movimentos felinos, rápidos e silenciosos vai-se embora sem a olhar sequer.*

*Maiassa (...) não sabe bem o que terá acontecido, mas sente que algo irremediável se passou, que o seu homem se foi, que não mais o terá. E é quase sem surpresa que, ao dobrar um carreiro, dá com o corpo de Mussa Racua suspenso de uma mangueira, balouçando docemente ao sabor da brisa matinal. Tombado no chão, um saco cheio de arroz. (pág:18-19)*

Depois desta inquietante introdução na obra, que nos tiraria um minuto de silêncio e de intensa dor, por se encontrar autênticos sinais da brutalidade com que a escritora leva este acontecimento, vem de seguida o conto “Caniço”.

Em Dezembro de 1945, em Lourenço Marques, actual Maputo, num pequeno povoado constituído mesmo nas barbas da cidade, chamado Caniço, o rapaz de nome Naftal com 17 anos de idade e órfão de pai, vive um drama – miséria – e porque está mesmo num bairro aventurado numa cidade onde reside e reina a burguesia, suporta o peso de chefiar, porque ele é o mais velho dos irmãos, uma família composta por seis elementos.

Naftal, trabalhando como “moleque” era a fonte de sobrevivência da família, mas vinha de seguida, a sua irmã, Aidinha que trabalhava como “aia de meninos” que ajudava no sustento, sem que, contudo, pudessem sair da vida miserável.

Um dia Aidinha desaparece. A família começa a viver a outra fase da pobreza extrema – o vai e vem de procurar esta menor que fora aliciada por uma outra “aia de meninos” de nome Aurora Caldeira que lhe albergara na sua casa na Avenida de Angola para trabalhar como prostituta.

A mãe da Aidinha soubera do facto pela vizinhança e, apesar de duvidar que a sua filha – “uma criança sossegada, incapaz desses atrevimentos” tomou a coragem para ir até ao local em busca da menor.

E de facto Aidinha se entregara na tal profissão, *farta da miséria e que sendo negra, não tinha outro caminho para se livrar dela. Só tornando-se puta.*

E querendo mudar a sua vida vendendo o seu corpo, Aidinha continuou prostituta e só regressa para casa num estado débil de saúde. Vive o drama da doença e, por outro lado, como pai, vira trazer mais desgraça a família que terá que gastar o que, mal consegue para o seu próprio sustento, para garantir a assistência médica e medicamentosa desta que vai se acabando aos bocados em casa.

*Naftal aceita a doença e a morte próxima da irmã como aceitou a morte do pai nas minas do*

*John<sup>3</sup>, a miséria quotidiana, o medo e as humilhações. Para ele, tudo faz parte do destino dos negros.*

Mas o drama deste adolescente não para por aqui, aliás, este é apenas um princípio de uma manhã que é acusado, no seu local de trabalho, de roubar um relógio de ouro pela sua patroa. É obrigado a confessar uma verdade que não conhece juntamente com um cozinheiro da casa. E assim não procede por conhecer a sua inocência.

Por fim, é juntamente com o seu colega, é entregue a polícia que aos negros não poupa maldições, pelo marido da patroa. Os dois são torturados.

Quando o patrão volta para casa é confrontado com outra realidade.

*- Afinal o relógio apareceu. Estava com a Mila. Ela chegou logo a seguir de tu teres saído com os criados para a polícia. Levou-o para o colégio... é vaidosa como o pai esta tua filha...*

*- Ela que não torne a fazer partidinhas dessas. E agora aqueles gajos já devem estar a apanhar porrada.*

*- Podias lá ir dizer que encontrámos o relógio – sugere a mulher.*

*- Ó filha, deixa-me descansar. Além disso é um mau princípio.... Deixa-os lá apanhar. (pág:35)*

Ainda em Lourenço Marques, já no mês de Abril de 1950, prepara-se “O Baile da Celina”, evento que ditaria a conclusão do Liceu Salazar numa rapariga de nome Celina, filha de um casal humilde, natural de Ilha de Moçambique. Saíra da ilha, depois de concluir a instrução primária na Escola Luís de Camões, para continuar os seus estudos em Lourenço Marques, onde havia condições para tal.

A mãe da Celina, de nome Violante, é mulata e tem raiva da discriminação por ser dessa raça, por isso, quando nasce a Celina, sua filha única, jurou a si mesma defendê-la, a todo custo, das humilhações que lhe estariam reservadas pelo único facto de ser mulata, decidindo assim, apostar na educação da criança.

Por isso, o baile de finalistas do 7º ano seria marcante na sua vida. Ela e um aluno indiano chamado Jorge Vieira, ambos com uma cor diferente de todos que frequentavam o liceu, uma vez este, ser direccionado a brancos.

E o baile para estes dois alunos não chega a acontecer, pois, chamados para o gabinete do reitor, justamente no dia e na hora do baile, foram proibidos de participar do mesmo.

*- Quero avisar-vos que não podem ir ao baile dos finalistas – prossegue calmamente o reitor, pousando nos jovens o seu olhar ausente míope...*

*Celina não pode acreditar no que está a ouvir. As fontes latejam-lhe e uma náusea incontrollável amortece-lhe os sentidos. Dificilmente consegue*

*permanecer de pé, a ouvir a voz do reitor que lhe soa tão suave, tão longínqua (...).*

*- Sem dúvida que vocês compreendem – continua ele – há certas coisas que é preciso dar tempo ao tempo. Vem o senhor Governador-Geral e pessoas que não estão habituadas a conviver com gente de cor. E vocês também não haviam de sentir-se à vontade no meio delas! Para evitar aborrecimentos de parte a parte, achamos melhor vocês não irem ao baile. Seria muito aborrecido que... (pág:54)*

Já no conto “Ninguém Matou Suhura”, estória que mereceu ser o título da obra, estamos no centro do furacão, com o peito aquecido, Lília Momplé despeja tudo, ou melhor, o que seria tudo, porque as confissões continuam, não só ao longo da obra, mas em outras estórias que a autora conta noutras obras.

Suhura, personagem principal deste conto que relata um acontecimento de Novembro de 1970, é uma adolescente de quinze anos de idade. É analfabeta, órfã de pai e mãe e extremamente pobre.

Vive numa palhota na Ilha de Moçambique com a sua avó desde a morte da mãe. À margem, a ilha é dirigida por um administrador. Homem de quarenta e oito anos de idade e casado com D. Maria Inácia. Na Ilha de Moçambique ocupa, simultaneamente, a posição de Administrador e Presidente da Câmara.

Como se pode imaginar, à data dos factos, 1970, um administrador é uma autoridade que se deve muito respeito, entre brancos, e temor, entre negros. Por isso, usando da sua força, depois de numa manhã tranquila que vai circulando pelas ruas a adolescente, encantado com a negra alegre que esta era e pela humildade do seu jeito, decidiu que a queria ter.

Possuído pela vontade de ter na cama uma negra pela qual, como branco e alto dirigente, tem todo o poder, o administrador, ajudado por uma velha de nome Agira Momade, dona de um prostíbulo na zona que vira a comunicar a avó da Suhura que o dirigente quer possuir a sua neta.

*A velha Agira não esteve com delongas. Entrou logo no assunto começando por referir a grande, a enorme sorte que a avó tinha. Pois não era que o senhor administrador, um homem tão importante em todo o mundo, tinha visto a sua neta Suhura e tinha gostado dela? Gostara tanto que queria dormir com ela, uma simples negra sem valor. E o simpaio Abduzlrazaque estava ali para arranjar tudo da melhor maneira. (pág:81)*

E foi assim comunicada a avó que ficou aflita quando soube do facto, com o coração a

doer como uma ferida ao imaginar que devia entregar a sua única neta, pessoa a quem deseja um bom futuro.

Suhura não escapa das mãos do administrador num dos quartos da casa de D. Júlia Sá, esta que a recebe com uma frieza calma. E depois de algum tempo de espera, chega o senhor administrador. Já no quarto, ambos, Suhura e o administrador, entram num drama que não cabe palavras para descrever.

Mas a verdade é que Suhura recusara ser possuída pelo ilustre e este tentando forçar a menor a manter relações sexuais com sigilo, terá entrado numa furiosa e estúpida agitação que terá causado a morte da Suhura. Entretanto, que não se chegue a conclusão disso apenas pela minha compreensão, pois, nem a própria autora, consegue descrever o que levava ao fatídico acidente.

*O corpo inerte conserva uma obstinada atitude de recusa e uma flor de sangue contorna-lhe as magras coxas.*

*Para além de um irritado espanto, o senhor administrador sente apenas uma estranha curiosidade em conhecer a causa desta morte: teria violentado a rapariga de tal modo que provocasse uma hemorragia fatal? Ou, no meio da sua estúpida agitação, teria ela própria batido com a nuca na cabeceira da cama? Ou morreria de puro susto? (pág:86)*

Mais tarde, já em Luanda, no ano 1974 em Abril, Moçambique já nos preparativos para a celebração da independência que vira a acontecer a 25 de Junho de 1975, a autora leva-nos para um cenário igual a outros, já nos contado, no território angolano.

Eugénio vivia a um ano na Gabela em 1962. Embora residisse tão pouco nessa vila, Angola não era estranha para ele. É de nacionalidade portuguesa.

Eugénio é que faz com que este conto tenha como título O Último Pesadelo, este que acontece num hotel de nome Guaraná onde é divergência entre brancos e negros, numa altura em que a media começa a exercer um papel importante e com as independências africanas os colonizadores entram em pânico e Eugénio, embora não muito ligado a opressão, por ser branco, acabaria por se achar do mesmo grupo.

Aliás, Eugénio, era um branco diferente. Não compactuava e até defendia os negros quando torturados. A mais marcante parte deste conto, marca-se quando Eugénio, defende um grupo de negros a serem torturados maliciosamente no hotel pelos brancos e por isso, este foi conotado como um traidor.

*Eram duas horas da madrugada quando o último negro se imobilizou no chão. Houve depois, da parte dos assistentes, a preocupação de verificar se*

*na verdade os negros estavam todos mortos. Satisfeitos com o exame, arrumaram os corpos para depois serem enterrados no mato. Só então Regalo permitiu que Eugénio se retirasse...*

*Desse último instante, Eugénio guarda a lembrança de corpos intumescidos, pedaços de miolos colados nas paredes, e um cheiro intenso a fizes e a sangue.*  
(pág:99)

### 3. Das variedades na linguagem à convergência de lugares

Ao longo do percurso que se faz no livro, pode-se constatar um aspecto interessante, que aliás, por bem ou mal que seja, a literatura moçambicana tem registado: o uso de algumas expressões em línguas nacionais, como por exemplo:

“Puapo nhum! Puapo nhum! Puapo nhum!”

Marcas da expressão Macua que quer dizer “Ó marido”. Isto, de algum modo, traz uma originalidade principalmente quando olhamos para a estória em que este termo aparece (no conto Aconteceu em Saua – Saua) em que se descreve as personagens, como um grupo de camponeses.

Outras expressões moçambicanas, como *Xirico* – rádio portátil muito popular em Moçambique; *Torritori* – doce de amendoim, coco ou gergelim torrado com açúcar em caramelo; *tocoçado* – caril confeccionado com peixe, galinha ou carne, água, cebola, tomate e manga verde ou seca, entre outras.

Por outro lado, Lília Momplé leva o “Ninguém Matou Suhura” a um destino mais verdadeiro. Um paralelismo entre Ilha de Moçambique em Nampula, Lourenço Marques (actualmente Maputo) e Luanda, em Angola. E recorrendo à periodização dos factos subentende-se que trata-se, de facto, de uma contara “Estórias que Ilustram a História” e assim, fica-se a se saber dos acontecimentos desses povos nessa altura, através da literatura.

Para se descobrir o simbolismo literário em revelar factos históricos através de estórias da escritora Lília Momplé, pode-se ainda recorrer a outros seus dois livros, nomeadamente, “Os Olhos da Cobra Verde” e “Neighbours”, cuja leitura, são os afluentes do “Ninguém Matou Suhura”. Assim poderá perceber-se não só o rumo artístico da autora, mas os passos da história de Moçambique.

---

**EDUARDO QUIVE (MOÇAMBIQUE)** – Escritor, Jornalista, Ativista dos Direitos Humanos e HIV/SIDA. Autor do livro *Lágrimas da Vida Sorriso da Morte* (2012). Membro fundador do Movimento Literário Kuphaluxa, sediado no Centro Cultural Brasil – Moçambique. É editor de dois blogues de literatura moçambicana pertencentes ao Movimento Literário Kuphaluxa, ([kuphaluxa.blogspot.com](http://kuphaluxa.blogspot.com) e [revistaliteratas.blogspot.com](http://revistaliteratas.blogspot.com)).

## MONOTEMÁTICO

*Por Letícia Palmeira*

Se a gente não ama, se a gente não fode, que porra a gente veio fazer nesse mundo? Você tá vivendo uma fase tão boca suja. Não é boca suja. É consequência. Digamos que eu esteja inconsequente das coisas que me acontecem. Ele não tinha o direito de sair assim, depois de tudo que eu fiz. Mas o que você esperava? Uma despedida com banda marcial tocando, uma festa, o quê? Eu não esperava nada específico. Mas queria algo. Só não sei dizer o quê. Então não coloque a culpa no cara. Deixe o tempo cuidar de tudo. Tempo? Que tempo? Essa coisa que faz ponteiro de relógio criar rugas na pele. Conhece? Conheço sim o tempo. Não parece. Você fala como se fosse uma menina estúpida que só enxerga o tempo passado. Olhe mais o futuro. Já faz mais de um mês esse seu drama, Lu. Vem cá. Você anda lendo o quê? Por que pergunta isso? Porque você está parecendo um livro de autoajuda berrando no meu ouvido. Será que você pode ficar do meu lado ao menos dessa vez? Mas eu estou do seu lado. Tudo que digo é pra ajudar. Faz tempo que te vejo vivendo essa merda de relacionamento que não te alimenta. Como assim não me alimenta? Você tá chorando? Sim, estou. Eu choro às vezes. Cara, como você pode ficar chorando por coisas tão sem valor? Você só vive disso? Será que sua vida é só essa merda de querer sentir tudo e não olhar em volta? Sabe há quanto tempo eu tô chorando por causa dele? Não sei. E sinceramente não me importo. Eu não aguento mais. O que sei, de verdade, é que você vive atirando pra todo lado e dizendo que se sente carente. Você sempre trai, Lu. Não é traição. Já te expliquei. Só fiz certas coisas pra manter o clima. Você sabe que não gosto de monotonia, tédio... Eu já disse que não aguento uma boca só. Eu tenho essa porcaria de necessidade de ter sempre alguém mais. Tá vendo? Você é maluca. Se não aguenta uma boca só, deixe o cara ir. Deixe que ele viva essa merda de vida também. Você não tem o direito de pedir coisas que você não pode dar. Você não tem maturidade pra isso, Lu. Você entende? Eu entendo. Mas você não pode falar com tanta autoridade a respeito de algo que não conhece. Porque você nunca tem ninguém. Se não posso falar, por que me ligou? Por que vive me enchendo com essas suas histórias? Eu não ESTOU com ninguém porque quero estar só. É minha escolha. Tá bom. Pode parar com o papo autoajuda porque já tô melhor. Tomei uma porcaria de calmante. Tomou o quê? Já disse. Tomei calmante. Vou apagar e, por deus, não acordo mais. Engraçado isso, sabe? O que é engraçado? Nem em deus você acredita, e agora me vem com esse papo de suicídio. Não falei em suicídio. Não? Se entupindo toda de calmante? Coitadinha. E tem mais. Você queria que ele desse o fora. Você só não tinha coragem de dizer. Você não passa de uma menininha que tem medo de perder. Você é uma criança. Quer saber? Eu não vou ficar sozinha aqui. E não quero mais te ouvir com esse sermão. Eu vou sair. Eu quero alguém essa noite e vou sair por aí e andar até dar de cara. Pra onde você vai? Espera. Não desliga. Não sei. Mas vou. Desculpa te encher. Juro que não faço mais isso. Te

amo. Fica bem. Espera. Lu. Não desliga.

- Ela vai sair e fazer merda. Eu conheço.

(Confuso, arfante, ele pega as chaves, a carteira e sai).

Que roupa? Que porcaria de roupa? Sou uma menina estúpida? Então farei muitas coisas estúpidas. Ela veste jeans. Fica andando de um lado a outro, zonza, sem saber o que fazer. Eu exagero em tudo. Eu erro em tudo. É tanto chute e murro em porta e parede que se cansa e se deixa cair, ali, no meio da sala. Luana adormece e só acorda com alguém batendo na porta: Abre, Lu. Abre a porta. Sei que você tá em casa. Ainda tonta e exausta de chorar por tudo e por nada, levanta, olho mágico, desnorteada, você? Chorando (mais que antes) ela diz “Me abraça porque tô mal”. Porra, que medo de te ver fazendo merda com a tua vida. Eu preciso sair. Eu preciso de alguém. Você sabe. Porra, eu só queria que alguém entendesse. A voz, antes tão rouca ao telefone, agora ali, falando de perto, de forma terna, diz:

- Eu sei que você precisa de alguém. E eu tô aqui.

Se olham (por alguns segundos) e mergulham em um beijo que os faz sentirem confusos, estranhos, iguais, simétricos em tantos sentidos. Imersos um no outro, sem drama, sem fala, se apressam à cena seguinte. A solidão desaparece dando lugar ao que sempre estivera nítido desde o princípio.



*DE FRANCISCO ROLLIM*

## NATUREZA MORTA

A natureza feliz canta e dança  
E protege o homem sem esperança,  
De que a recíproca seja verdade.  
Hoje, ela chora de tanta crueldade.

A natureza implora ao ver verdugos  
De machado, serra, fação e tarugos  
Cortar-lhe a beleza, o viço e a saúde.  
Creu viva. Viver sempre a plenitude.

Sem piedade os ímpios da Campina,  
Devastam esta indefesa menina.  
O favor político cega o homem.

Toldam-se o céu, a razão e a realidade.  
Órfã, geme a cidade, com saudade ...  
Do cipreste, d'aroeira e do venvém.

## NOTURNO

Sobre a terra cai o silêncio. Por infinita  
Estrada, passo a passo vai, segue o féretro,  
Ao cemitério levam-no. Vês esquisita  
Gente. À frente, um vulto balançando um cetro.

Embalam o cortejo com cantos de Ravel  
O morto numa rede vai. Segue suspenso;  
Uma mulher enxuga as lágrimas ao lenço;  
Choro ao ar, despede-se o dia, cumpre seu papel.

Ao pio d'ave; o vento acorda. A ampla mortalha  
Da noite ao abraçar-se ao luar, ilumina-se.  
Uma coruja a soluçar; a folha farfalha.

Estando suspenso no ar o rumor das calmas  
Horas, acima dele em silêncio, fixa-se  
O júbilo mudo e suplicante das almas.

## BENDITA LEITURA

Homens, essa é a primeira e mais importante de todas as lições, a leitura alimenta o saber, o pão o corpo, e esse a terra, o saber ao espírito. Não se esqueçam jamais desse alimento que não sacia a fome, mas o conhecimento.

Bendita seja a leitura q'enobrece o homem  
Que tira a poeira da mente, areja, traz lúmen.  
Quanto mais lemos mais aprendemos, conhecer.  
Tanto mais aprendemos, mas humilde é o saber.

Não há divisão de classe, predileção nem  
Por brancos, negros, amarelos. Só faz o bem.  
A leitura liberta o ser de o ignorante ver.  
Leitura! Aplaudida sejas. Saber, entender.

Adquirir linguagem, desenvolver o saber,  
Estruturar competência crítica leva  
O homem a confirmar perante outro homem,

Que a leitura mesmo ao principiante faz viver,  
É a força, pão ou barro com que o criador subleva,  
É o alimento que os homens dela tiram, comem.

## MUSA

Tudo são sombras na imensidão cósmica,  
A solidão nigérrima fria e triste,  
Abraça e acalanta as almas em pranto.

Viver o doce amargo deste canto,  
Nas lembranças recônditas dentro de mim,  
São desejos de uma vida, sem fim...

Longe, no infinito imenso, repousa  
A bela musa que em meus sonhos plasma.  
Faceira, arrogante, silenciosa, icônica.

Envolve-me, sempre, com seus doirados braços  
A cada quarto, no meu quarto, nos nossos quartos,  
É a lembrança derradeira que sempre volta.

Volteia-me, serpenteia-me, abraça-me,  
Sensuais desejos relampejam alegres e tristes,  
Na certeza desse impossível amor.



*Petrus Vinicius* é campinense (PB). Participa do curso de extensão em Artes Plásticas oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O artista trabalha com esculturas em papel machê e técnica da papietagem. Seus temas favoritos na construção de suas obras abordam o esquisito, o bizarro, concentrando-se na desconstrução da estética considerada bela pela maioria da sociedade. A obra da capa desta edição da Revista Blecaute participou do IV OverDoze, uma maratona cultural promovida pelo SESC-PB, compondo uma instalação com seis obras/personagens confeccionadas em papel machê e intituladas “Réquiem”, sendo ela contemplada com o prêmio de melhor obra em escultura.



### O processo criativo

A inspiração para criar pode surgir de outras criações. A música clássica é um refúgio transcendental no qual encontro um ambiente propício e afinado com minhas inquietações artísticas, a fruição ao escutar Réquiem, de Mozart, põe-me a subtonar a realidade e sonorizar, aos olhos, o resultado de minhas sensações enquanto artista entregue ao doce (e mórbido) “soar” da arte deste genial músico. O resultado, ou o resquício do que imaginei em meu mundo são músicos complexos, esquisitos, raquíticos, destoantes do que para a sociedade seria normal. Voltando de um delírio encontrei, na técnica de escultura com papel machê, a poética para representar aspectos da sociedade contemporânea, a figura de um maestro e parte de uma orquestra, em que velhos mortos, vivos raquíticos, errantes esquecidos no tempo ou no fundo da mente traçassem um paralelo com a insanidade de julgar pessoas pela aparência antes mesmo de senti-las em suas essências. A música clássica, aqui homenageada, entra nesse panorama como um pretexto representativo do antigo, do esquecido, do belo, da morte, da loucura, que consegue ultrapassar as barreiras dessa deturpada realidade, sobreviver e fascinar.



Contato: [petrusviniciuscg@gmail.com](mailto:petrusviniciuscg@gmail.com)



Novo site da →



# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)

## Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto *Microsoft Office Word* (2003 ou superior) e se enquadrar nas seguintes categorias:

**Poemas** (devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total);

**Conto** (poderá ser enviado apenas um conto, sugerimos no máximo oito páginas);

**Ensaio** (poderá ser enviado um ensaio sobre temas ligados à literatura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas, sugerimos o máximo de oito páginas);

**Dicas de Leitura** (poderão ser enviadas três dicas de leitura, com até uma página, acrescida de uma imagem da capa do livro sugerido em boa resolução).

## Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.

